532
ECA
DA

. JOÃO DA CAMARA

TRISTE VIUVINHA

COMEDIA
EM TRES ACTOS

SEGUNDA EDIÇÃO

EDITORES
J. RODRIGUES & C.ª — LISBOA
186 — Rua Aurea — 188
1912

BIBLIOTHECA ESCOLHIDA

THEATRO

IX

TRISTE VIUVINHA

Peça em tres actos

532

JOÃO DA CAMARA

TRISTE VIUVINHA

PEÇA EM TRES ACTOS

SEGUNDA EDIÇAO

LISBOA
J. RODRIGUES & C.ª, EDITORES
186 — RUA AUREA — 188
1912

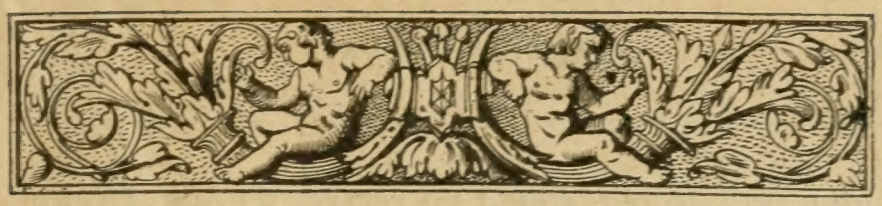
Lisboa — Off. Typ.: Calçada do Cabra, 7 — 1912

LIBRARY
OCT 0 5 2000
UNIVERSITY OF TORONTO

PERSONAGENS

REBELLO	Velho tabellião retirado na aldeia.
O ALFERES	Reformado.
JOÃO DA ALEGRIA.....	Seu filho, mestre-escola.
BARROS	Sargento da guarda fiscal.
NAZARETH.....	Viuva, nora do Rebello.
MARIA DO Ó	Sua tia.
ASSUMPÇÃO.....	Rapariga do campo.

Em Santa Luzia, aldeia do Baixo Alemtejo



ACTO PRIMEIRO

A SCENA

Em casa do Rebello. Porta ao fundo com postigo. Do lado esquerdo da porta, uma cama alta, de madeira pintada; colxa de chita de côres e almofada de fronha com rendas. Na parede, do lado da cabeceira, um crucifixo e uma imagem de Nossa Senhora. Proximo aos pés da cama, uma grande moldura de cortiça muito historiada, e dentro uma photographia pequena, um homem dando o braço a uma mulher. Á direita da porta do fundo, uma commodasinha coberta com uma toalha e em cima dois castiçaes de vidro sobre papel recortado e um relogio ordinario de caixa de madeira. Na parede, uma lithographia colorida, retrato do Sr. D. Miguel; á roda, uma corôa de rosas de papel envolta em gaze. Ao canto da direita, o oratorio de madeira preta com varios santos; em frente, duas pequeninas jarras com flores e entre ellas a

lamparina accesa. Porta ao centro, do lado direito, a que deve subir-se por dois degráos toscamente abertos na rocha natural. Janella do outro lado com poiaes de tijolo. No primeiro plano um armario de madeira preta, envidraçado, com loiças, garrafas, etc. A' direita, uma estante com livros e perto uma mesa grande de páo santo, com tinteiro antigo de metal amarello, candieiro de tres bicos, papeis e um volume dos sermões do Padre Antonio Vieira. Junto da mesa, uma cadeira de braços, antiga, conventual, e outra, pequenina, de costura. Arrumada a um canto, uma mesa de pé de gallo e taboa quadrada. Arcas, bahus cobertos com colxas. Cadeiras alemtejanas com flores pintadas. Friso com loiça velha da India, terrinas, pratos, etc. No tecto uma madre, tronco mal desbastado. Vigamento de castanho. Telha vã. Paredes muito caiadas. Tudo n'aquelle primor de aceio vulgar no Alemtejo. Marca o relogio seis horas e vinte minutos.

SCENA PRIMEIRA

REBELLO, NAZARETH *e* MARIA DO Ó

REBELLO

Não te sentes peor, não?

NAZARETH

Já me passou. Não foi nada. *(Vae á commoda buscar um lenço preto).*

MARIA DO Ó

Veiu o calor tão de repente!

NAZARETH

Foi do calor.

MARIA DO Ó

Queres que te ajude?

NAZARETH

Não, tia. Obrigada.

REBELLO

Tinha pena, se não fosses. Ainda agora, quando lá estive... Queres saber? Nasceu um pé de murta mesmo em cima da cova. O Jeronymo que o deixe

crescer. D'aqui a dois mezes dá flôr. Quando elle te escrevia e chamava Flor da Murta...! Já faz hoje dois annos...! Não te sentes peor, não!

NAZARETH

Maior quebreira. Mas a tia tem razão; deve ser do calor.

MARIA DO Ó

E do ferver d'essa cabecinha. Socega. O teu homem está no céo.

NAZARETH

Era um santo.

REBELLO

Meu filho...!

MARIA DO Ó

E não te deixes lá ficar. Hontem, logo á bocca da noite, começaram cahindo umas branduras, e aquelle cemiterio é tão humido!

NAZARETH

Antes do anoitecer devo estar de volta.

REBELLO

E' tarde. Vae para as seis e meia. Não fecharia ainda a escola o João da Alegria?

MARIA DO Ó

Tem-me posto em cuidados. Elle que nunca se esquece...! E dá Deus uma joia d'aquellas...!

REBELLO

Lá me vae vocemecê dizer mal do Alferes! Bem sei que o homem tem lá outras idéas. Deus perdôe aos moradores d'este seculo o muito que o teem esquecido. Não diz o seu genio com o meu; mas elle é muito meu amigo.

MARIA DO Ó

Amigo...!

REBELLO

A seu modo. Fomos baptisados na mesma pia, isso bastava; nasceram os nossos filhos na mesma hora; dos partos das nossas mulheres enviuvámos ambos.

MARIA DO Ó

Faz sua differença; o senhor Rebello era recebido e elle...

REBELLO

E a dar-lhe...! E'-nos prova da alta misericordia divina o amparo que elle achou em seus annos velhos. Que filho aquelle! Quando, ha pouco, o Dr. Annibal de Beja lhe offereceu casa, bom ordenado...

MARIA DO Ó

Bom passadio...

REBELLO

E que bella posição para qualquer negocio futuro!

E afinal pouco trabalho: dirigir a educação dos pequenos, ensinar-lhes latim, francez, o milhão de coisas que o João da Alegria sabe. E, já tudo preparado, dá-lhe o coração um arranco, e para ahi se fica em Santa Luzia, mestre-escola, por não deixar o pae velhinho!

MARIA DO Ó

Não ser eu Nosso Senhor! Aquelle hereje com um filho assim, e o senhor Rebello...

NAZARETH

E' tarde. Vou-me andando, meu pae.

REBELLO *(abraçando-a)*

Filha...! Eu e a senhora Maria do Ó vamos da janella do teu quarto vêr quando assomas ao alto do cabeço. *(Para a Maria do Ó)* Viu-me Deus de saude gastada, edade decrepita e, para que o golpe não fosse fatal, deu-me com quem amansar a minha dôr. *(Para a Nazareth)* Bemdito elle seja que me deu o chorar comtigo! *(Beija-lhe os cabellos)* Os teus cabellos voltam-me os beijos do meu filho. Adeus. Até logo. Dá-lhe lembranças minhas.

MARIA DO Ó

Olha a cacimba. Toma conta.

NAZARETH

Não tenha cuidados. Até logo.

(O Rebello e a Maria do Ó sáem pela porta da direita. A Nazareth abre a gaveta da commoda, d'onde tira um espelho. Concerta o lenço e o cabello. Vae á janella, olha para fóra suffoca um pequenino grito e recolhe-se logo).

SCENA II

NAZARETH *e* JOÃO DA ALEGRIA

JOÃO DA ALEGRIA *(um instante depois, á porta)*

Ia sahir?

NAZARETH

Agora mesmo. Estavamos n'uma anciedade! Não veiu ás horas do costume...

JOÃO DA ALEGRIA

Fui passear, correr os olhos por esses campos. Andei no caminho do cemiterio. Como são quinze do mez e faz hoje dois annos... Agora é que vae?

NAZARETH

Não pude mais cedo. Estive adoentada.

JOÃO DA ALEGRIA

Vim para saber novas suas.

NAZARETH

Tenho em muito a sua amizade, senhor João da Alegria. Nada de cuidado. Triste passeio escolheu hoje.

JOÃO DA ALEGRIA

Como pessoa vesada a tristezas. Mas os sitios não querem dizer nada. Lá andavam no mattinho mesmo atraz do muro, as moças da aldeia a cantar.

NAZARETH

Alguma cantiga nova?

JOÃO DA ALEGRIA

Não pude apanhar-lhe o estylo. O verso não sei se lh'o diga.

NAZARETH

Porquê?

JOÃO DA ALEGRIA

Póde amargural-a. Quem faz cantigas não sabe o que faz.

NAZARETH

Diga; versos nunca me entristecem.

JOÃO DA ALEGRIA

Senhora Santa Luzia,
Lavada do vento norte,
Quem n'ella tem seus amores
Não póde ter melhor sorte.

NAZARETH

E' bonita ! Que pena não se lembrar... Eu d'antes sabia tantas...! Agora, como não sáio... Então porque anda triste ? Já não gosta de Santa Luzia ?

JOÃO DA ALEGRIA

Deixei-me ficar... Estou quasi a arrepender-me.

NAZARETH

Ainda ha pouco, ahi disseram tão bem de quanto quer a seu pae !

JOÃO DA ALEGRIA

O fim porque fiquei... e foi talvez um fim torcido !

NAZARETH

Porque não me conta as suas tristezas ?

JOÃO DA ALEGRIA

Máo feitio meu.

NAZARETH

Eu sei que, se ás vezes pudesse falar...

JOÃO DA ALEGRIA

Ah ! se eu pudesse falar...! Mas começo a atrigar-me, nem sabendo como dar-lhe principio ! Tenho medo. Meu coração é triste de si e gosta de dar gasalhado ás melancholias. Ainda agora as moças

cantavam que era um gosto ouvil-as; passaram dois corvos crocitando e voltei desconsolado!

NAZARETH

E' tão bom ter com quem desabafar! Era talvez para bem de nós ambos. Mas tambem eu tenho medo... E' pena que não lhe ficasse o estylo. O verso é tão bonito! Vamos a vêr se póde lembrar-se. Sente-se aqui.

JOÃO DA ALEGRIA

Obrigado. Mas, como sabe, meu pae quer sempre que o procure.. e é quasi sol posto.

NAZARETH

Sol posto! Valha-me Deus! *(Ouve-se dentro a voz do Rebello)* Meu pae e a tia...! Não lhes diga... Até logo. *(Sahindo apressada)* Sol posto...! Ia-me esquecendo!

SCENA III

JOAO DA ALEGRIA, REBELLO E MARIA DO Ó

REBELLO

Olá, João da Alegria!... Vinhamos saber da Nazareth.

JOÃO DA ALEGRIA *(um pouco atrapalhado)*

Quando entrei...

MARIA DO Ó

Já tinha tempo de sobra...

JOÃO DA ALEGRIA

Parou talvez a conversar... *(Vae á janella)* Alguem a demorou no caminho. *(Olha)* Não. Lá vae.

REBELLO *(á janella)*

Lá vae, sim. E tão combalida ainda! Lá vae com o seu lencinho de viuva... *(Para o João da Alegria)*. E' que faz hoje dois annos...

JOÃO DA ALEGRIA

Lembrei-me do triste anniversario.

REBELLO

Tinhamos extranhado a tua ausencia. *(Olha para fóra e diz adeus).* Dois annos...! N'esta cama onde agora durmo... Labios de que andavamos suspensos... fechados para sempre! Olhos tão lindos que cegavam os nossos... embaciados!... Coitadinha da Nazareth!... Obrigado, João da Alegria; não te esqueceste.

JOÃO DA ALEGRIA

Era só um adeus. Vou em busca de meu pae.

MARIA DO Ó

Deus vá comtigo.

REBELLO

Adeus, rapaz. Quando te vejo .. que saudades!

SCENA IV

REBELLO *e* MARIA DO Ó

REBELLO

Não vá esta ida ao cemiterio fazer mal á Nazareth.

MARIA DO Ó

Anda tão exquisitoria!

REBELLO

Ninguem póde despir a natureza, senhora Maria do Ó. Tambem a mim me doe a alma e chegou a doer-me a carne !

MARIA DO Ó

Bom ! Mas amansou.

REBELLO

Clamei ao céo com muita oração, pedindo-lhe conformidade. Nunca furtei meus hombros á pesada mão de Deus, mas, sempre que rezo o Padre-Nosso, digo de coração humilde: seja feita a vossa vontade.

MARIA DO Ó

Veja a pela manhã. A' tarde, como póde vir alguem, lá se arranja, lá se penteia ; mas pela manhã, se ha coisa mais frangalhona !

REBELLO

Coitada !

MARIA DO Ó

Tem abatido agora mais que em todo o primeiro anno de viuvez ! E quando ella se põe para ahi pasmada, todo um santo dia a papar moscas ! E' a paixão a roel-a ! Em vez de espairecer, começa a esgaravatar... a esgaravatar...! Ora Deus queira ! Deus queira...!

REBELLO *(assustado)*

O quê, senhora!

MARIA DO Ó

... Que pelo caminho por onde agora vae, cedo a não levem quatro homens.

REBELLO

Não diga tal, que é tentar a Deus!

MARIA DO Ó

Uma d'estas tardes, ao terço, aquella escanzelada não me respondia o PÃO NOSSO e, Deus me perdôe, olhei para traz. A espreguiçar-se na divina presença!... O senhor Rebello tem sido um anjo para mim, que o meu trabalho n'esta casa não vale a despeza que lhe faço...

REBELLO

Pelo amor de Deus, senhora Maria do Ó...! Conhece a Nazareth de pequenina e muito bôa companhia lhe faz. Pense na creaturinha só commigo!

MARIA DO Ó

Pois... «bons dias, bôas noites, muito obrigada»... nem mais palavra, ha que tempos! De que lhe sirvo então, se não sou de confiança?

REBELLO

Vocemecê foi thesouro que encontrámos. Olhem

a Nazareth n'esse estado a dirigir uma casa! O dever que nos corre é acudir-lhe com alguma distracção. E a proposito: a nossa liçãosinha? Puxe cadeira e sente-se. Olhe que ha de entender-se com os pequenos e ensinal-os.

MARIA DO Ó *(indo buscar a cadeira)*

Se não era melhor o senhor Rebello...

REBELLO

Tenho lá paciencia...! Nem já sei ralhar senão com o Alferes. Eu avenho-me com vocemecê, que já não é pouco, e vocemecê lá se avenha com elles. O mez de Maria está á porta. Verá como esta devoção, as flôres, as vozes das creanças e até os dias mais claros e lindos hão de quietar aquella alminha. Vamos vêr se ainda se lembra. Prompta? A primeira quadrinha. Vá.

MARIA DO Ó *(sentada ao lado do Rebello e limpando a garganta do pigarro)*

Queira Deus. *(Canta)*.

Nome de Maria
Tão bonito é!
Salvae a minh'alma;
Que el... ella vossa é.

REBELLO

Mas porque diz vocemecê: QUE EL... ELLA VOSSA

É ? *(Ensinando a).* QUE ELLA VOSSA É ! *(Marcando-lhe as notas).* Tan, tan, tan — tan, tan !... Vamos á outra.

MARIA DO Ó

Que ella vossa é,
Sempre ha de ser.
Salvae a minha alma,
Quan... ando eu morrer.

REBELLO *(imitando-a)*

QUAN... ANDO EU MORRER ! *(Ensinando-a).* QUANDO EU MORRER !... Voçemecê, a respeito de ouvido, se o tem peor que o meu, não sei de que me serve estar aqui suando ! Vamos vêr os dois juntos. Adiante.

MARIA DO Ó *e* REBELLO

Quando eu morrer,
Quando expirar,
Levae a minh'alma
Para bom logar.

SCENA V

OS MESMOS *e* ALFERES

ALFERES *(que, desde instantes, espreita ao postigo da porta, cantando)*

As meninas d'Elvas,
Tiro, liro, liro!
Foram as primeiras
-Ai! ai!

MARIA DO Ó *(levantando-se, assustada)*

Credo! Olhem, elle a rir-se se não parece o diabo!

REBELLO, *(furioso)*

Ó Alferes! Alferes!

ALFERES

Canta-se n'esta casa? Pois tambem quero que me luza a prenda. *(Entra a marchar)*

Assentaram praça.
Tiro, liro, liro!
Juraram bandeiras.
Ai! ai!

MARIA DO Ó *(imitando-o)*

Ai! ai!... Olhem a gracinha! Por esses ai-ais e por outros arde o inferno cheio!

REBELLO

Bastava ser uma devoção! *(Imitando-o)* Ai! ai!

ALFERES

Já o rir é peccado! Cantem-m'o a mim, que sou homem de bioquices!

MARIA DO Ó

Espere pela pancada. Verá se Deus o não castiga.

ALFERES

Vomite, mulher, por uma vez: «leve-lhe o diabo a alma», que é mais curto. E você que diz, Rebello?

REBELLO

Que me dão guinas de bater-lhe!

ALFERES

Tinha graça encetarem-me o pello aos setenta e oito! Com muita bala me atiraram os do partido do seu senhor, mas zuniam lá por cima, como os zangãos agora nos estevaes, e nenhuma adregou vararme os miolos. Livrei-me, escorreito e tão famoso, que, ao passar ahi, de volta da ultima ensinadela ao Remexido, diziam as moças de Santa Luzia — eu era

então sargento — que era o sargento Alegria, a flor das tropas. Havia uma que se chamava... *(Como quem não póde recordar-se)* que se chamava... Já lá vão tantos annos! Mas era uma persiguição! Por onde eu ia, lá andavam os olhos d'ella! Se lhes virava costas, pesavam-me na mochila!... Que se chamava... que se chamava... Cá na aldeia tudo era foguetorios e viva a liberdade! Lembra-se você, Rebello? *(Ironico)* Talvez não, ha tantos annos...! E tudo isso, mais que o meu lindo bigode, desnorteava a moça, que se chamava... que se chamava...

MARIA DO Ó

Deixe lá o nome da perdida!

ALFERES

Não se perdeu, que não fiz caso d'ella, nem eu, nem os outros, ninguem! Por isso deu em beata. Chamava-se Maria do Ó.

MARIA DO Ó *(furiosa)*

Mente, desbragado!... Ature-o, senhor Rebello, que eu vou...

ALFERES *(rindo)*

Como uma bixa!

MARIA DO Ó

Tratar da assorda. *(Sahindo)* Monstro!

SCENA VI

REBELLO *e* ALFERES

REBELLO

Olhe, senhor Alferes; quando lhe der para farçolices, vá bater a outra porta.

ALFERES

Meia volta á-direita! Que é do bonnet?

REBELLO

Na cabeça. Não admira; com mais sem cerimonia entraram os d'essa laia nas casas do Senhor.

ALFERES

Como quem diz nos antros da fradalhada.

REBELLO

Não lhe admitto que em minha casa ponha bocca peçonhenta nas coïsas santas!

ALFERES

Estamos no ultimo quartel do seculo dezenove, no seculo das luzes, do progresso, da sciencia e da... e d'outra coisa ainda, sei com certeza, que eu li hontem e não me lembra agora.

REBELLO

Digo-lh'a eu: no seculo de Satanaz!

ALFERES

Conheci-o em pequenino. Quer que lhe dê os signaes? Começo pelos pés de bode e acabo pelos altos, que o melhor é para o fim. E ainda querem os sectarios do obscurantismo...!

REBELLO

Sabe o que tenho? É dó de você, dó, palavra, dó! Não é de espantar, quem tem a cabeça cheia de phrazes ôcas que não lhe dòam as urtigas na consciencia. Ai do mundo, por causa dos escandalos!... Mas a misericordia de Deus é infinita!

ALFERES

É, e a prova está em que tantos annos os deixou com a fôrca armada. Até que lhes démos com o basta!

REBELLO

Para quê? Para o que se está vendo! Lindo, pois não! A moralidade nulla, o prestigio illusorio, as ambições desenfreadas, a fortuna publica uma miseria e os votos a pataco! E tudo porquê? Porque religião... nenhuma!

ALFERES

Cada um governa-se. A nossa bandeira trazia um dilemma: — Liberdade!

REBELLO

Lemma! Tire-lhe o Di!... Nem falar sabem! A bandeira branca deu volta ao mundo, a de vocês contenta-se com dar-lhes volta ao miôlo. No antigo regimen, até depois de sessenta annos de captiveiro, achámos força bastante para vencer em Pernambuco os herejes hollandezes. Ainda hontem li no Padre Antonio Vieira...

ALFERES

Um jesuita, é bem de vêr!

REBELLO

E dos melhores. Isso que tem?

ALFERES

Senhores da Inquisição desde o principio da monarchia!

REBELLO *(pasmado)*

Os jesuitas...! Desde o...!

ALFERES

Leia Voltaire, amigo, leia Voltaire.

REBELLO

Bôa fôrca para o Voltaire, para você e para os jesuitas!... Ih! Jesus!... Fez-me perder o tino e já não sei que digo!

ALFERES

Eu cá, em sendo homens da seita negra, que oiça dizer mal d'elles, não quero saber se é verdade, se mentira, é por bem e grito logo : — Chega-lhes !

REBELLO

Quer uma grande verdade ? Você é tolo.

ALFERES

E você um hypocrita. Aqui tem uma verdade grauda.

REBELLO

Abro um d'aquelles livros ao acaso e provo-lhe que você é um acephalo.

ALFERES

Um acephalo ! Repita lá, se é capaz ! Isso agora é demais !... Acephalo !

REBELLO

Senhor Deus ! Que formigueiros !

ALFERES

Que formigueiros eu, que até afogo ! *(Leva as mãos á gola)* Acé... não sei quê ! Se você sabe latim, é porque é da seita !

REBELLO

Melhor ; não sou dos seus !

ALFERES

Um retrogrado!

REBELLO

Muita honra!

ALFERES

Hypocrita! Digo o á bocca cheia!

REBELLO

Tolo! Grito-o á bocca aberta!

ALFERES

E aqui tem! Irra!

REBELLO

E acabou-se! Arre!

SCENA VII

OS MESMOS *e* ASSUMPÇÃO

ASSUMPÇÃO *(á porta)*

Bôas tardes. Dão licença?

ALFERES

A Assumpção! *(Sóbe)*

REBELLO

Entra, entra !

ASSUMPÇÃO

Estavam conversando ? Estorvo-os ?

ALFERES

Vim dar aqui dois dedos de cavaco ao nosso Rebello. Estorvas lá ! Entra.

REBELLO *(indo ter com ella)*

A Assumpção !

(Trazem-na pelas mãos até junto das duas cadeiras, onde estiveram sentados a cantar o Rebello e a Maria do Ó)

ALFERES

Aqui ao pé de mim que quero vêr-te. Então no mattinho ? Adivinha-se logo ; cheiras a alecrim.

REBELLO *(afagando-a)*

Nos cabellos, nas mãos... Senta-te. *(Para o Alferes)* E a rosmano.

(Sentam-se nas duas cadeiras chegadas, com a Assumpção ao meio)

ASSUMPÇÃO

Foi uma sorte o trabalhinho, que os mais dos annos, em chegando abril...

REBELLO

Diz o lavrador : Está posta a mesa de Deus.

ALFERES

E põe-se á espera.

ASSUMPÇÃO

O lavrador. Mas quem não póde esperar ?

ALFERES

Vieste só ? E as outras ?

ASSUMPÇÃO

Vim de grande, a cavallo no carro do Simões. *(Rindo)* E o almocreve trazia dois grãos na aza !

REBELLO

E não te põe medo ?

ALFERES

Uma mulher d'armas !

ASSUMPÇÃO

Bom ! E' sabido : apanham sósinha a moça, põem-se logo com paleios. Mas quem não tem de seu, nem vê herdamento, chama padrinho a todos e não chama pae a ninguem, uma engeitadinha como eu, pouco se lhe dá de promessas, que são o visco das outras.

ALFERES

Quando tantas mais feias andam ahi namorando para fazer bocca a um noivo !...

ASSUMPÇÃO

Todos a eito, todos a um tempo, todos nas costas uns dos outros !... E depois mentiras e mentiras !...

REBELLO

Como quem diz : de muitos lances algum trará peixe. E assim vão encadeando peccados e peccados em barda !

ALFERES

E por fim...

ASSUMPÇÃO

Pois ? Olhem a sobrinha da D. Gertrudes, toda secia e senhora do seu nariz. Eram aos seis e aos sete, e por fim... como diz o padrinho Alferes... Quando m'o contaram, ai, filhos !... fiquei banzada !

REBELLO

O muito uso induz ás vezes descuido.

ALFERES

E esta mais esperta que nem zorra...! Tão linda!

REBELLO

E assim de tamanhinha sempre ! Quando ahi te acharam, que nem sabiamos se eras baptisada, se moirinha...! Tão linda ! Todos a quererem ser padrinhos...!

ASSUMPÇÃO

E é que são tantos que nem praga!

REBELLO

Lembra-se você, Alferes? Ainda eu tinha pernas, um dia, á caça, nós dois lá na ribeira...?

ALFERES

Se...? Ora! Tinha ella os seus dez annos, entre os golfos, a nadar como um peixe! O corpinho doirado, mordidinho pelo sol...! E nós, atraz dos choupos, a espreitarmos...

REBELLO

Toda nuasinha, que até fazia devoção! Cresceste, e cada vez mais parece que foste tocada pela graça celestial!

ALFERES

Garotinha!

REBELLO

Benza-te Deus!

ALFERES

Resta saber se, com esse ar de mosquinha morta ainda nenhum...

ASSUMPÇÃO

Até hoje o bicho-homem... *(Ouve-se de fóra uma guitarra tocando o fado)* Esperem!...

ALFERES

O quê ?

(A guitarra approxima-se)

ASSUMPÇÃO

Oiçam. E' elle, é ! O Barros ! *(Levanta-se e corre á janella)* E' elle !

REBELLO

E lá vae...! Ah ! mocidade ! *(Passando a mão pelos cabellos do Alferes)* E nós cheios de brancas, poeira da estrada por onde viajamos ha tanto ! *(Concertando-lhe a gola)* Como você se pôz ! Perde a cabeça e é mãos á gola...!

ALFERES

E' que me enforca. Não esteja com incommodos, homem.

REBELLO

Por um nada ferve em ira ! Pôe-se a espumar !

ALFERES

Olha quem fala !

REBELLO

Que homem precisa espalhar o bofe. Quem não sabe rir, discute. *(Mostrando-lhe um cordão que sae para fóra)* O que é isto ?

ALFERES *(mettendo-o para dentro)*

Os bentinhos. *(Escutando a guitarra)* O diabo do Barros tem queda para a musica.

REBELLO

E' quem anda agora na berra.

ALFERES

A farda, Rebello, a farda !

REBELLO

Um sargentão da alfandega !

ALFERES

Com uma espada ao lado e quatro divisas. Desde que ahi chegou, n'essa diligencia do contrabando do tabaco, traz sempre comsigo um estadão de moças. A farda. Talvez eu não saiba, sim, talvez eu não saiba !

REBELLO

Então este Barros vale o seu João!

ALFERES

Isso... nem das tres partes uma. O' Rebello, aquillo é que é um rapaz!... Um coração de pomba ! Com a vida tão bem traçada, que tão socegada podia levar, em Beja, uma bôa terra, educando aquelles pequenitos, em casa d'um bom amigo...! Tudo tão bem encaminhado, e elle a entristecer, a entristecer...! Pesava-lhe deixar-me para ahi como um cão ! Ai ! Rebello, nada paga o amor d'um filho! *(Vendo Rebello a enxugar os olhos)* Oh ! diabo !... Você

desculpe, homem! *(Abraçando-o)* O' Rebello...! Coitado!

ASSUMPÇÃO *(voltando-se)*

Ora ainda bem que os vejo tão compadres! *(Annunciando em voz baixa)* O Barros! *(Sóbe até á porta)* Entre.

SCENA VIII

OS MESMOS e BARROS

BARROS *(á porta com a guitarra na mão)*

Deus seja n'esta casa, senhor Rebello. Meu Alferes, tenha V. Sr.ª muito bôas tardes.

REBELLO

Entre, senhor Barros. Seja muito bem apparecido.

BARROS

Com sua licença. *(Entra)* Acabei o serviço, fui-me com a guitarra esperar as mulheres que vinham da roça.

ALFERES

E ellas que se pelam! Ha pouco, dizia aqui ao Rebello: isto da farda...! Nós é que sabemos, nós é que sabemos.

BARROS

E' verdade, meu Alferes, nós é que sabemos. E então desde que me descobriram a prenda cá da... *(Mostra a guitarra)* Ainda hoje... *(Vae para fazer uma confidencia, mas dá com os olhos na* ASSUMPÇÃO *e tosse para disfarçar, retorcendo o bigode com fatuidade)*

REBELLO

E demora-se por aqui, senhor Barros ?

BARROS

Quem me déra ! Acredite, senhor Rebello, ando farto de cidades e bulicios. Aquella babylonia de Beja atordôa-me. A paz do campo! Esta primavera! Lindo céo, lindas flores, lindas moças !... Ámanhã, á noite, vou a Messejana.

ASSUMPÇÃO

Mas volta.

BARROS

Hei de voltar. Deixo aqui um pedacinho de coração repartido por todas.

ASSUMPÇÃO

Muito obrigada pela parte que me toca. Junte-lhe um bocadinho de bofe. Não tem nem migalha de juizo !

REBELLO

Mocidade ! E ás vezes cada tropêço !

BARROS

Noites em claro n'essas charnecas! E o dever a mandar-nos arrostar contra chuvas, doenças, ás vezes... contra a morte! O anno passado, ao pé de Barrancos, vinham elles, e muitos, e armados todos. Nós, meia duzia. Tivemos de fazer fogo. Responderam. Uma bala acertou-me no estribo do cavallo. Mas o dever era o dever, para diante! Raspou-me uma outra pelo hombro. Trouxemos presos uns dez e os mais fugiram, largando as cargas do contra bando. Ha momentos em que rio e brinco, ganhei-os bem.

ASSUMPÇÃO

E' o que se chama um homem de bigodes! Gosto.

REBELLO

Do fiel cumprimento da obrigação depende o auxilio do céo. Invoque-o n'esses transes.

ALFERES

Se não é de quem não sabe! N'estes assados é para a frente! Não ha céo nem inferno, não se pensa em nada!

BARROS

E não.

ASSUMPÇÃO

E não.

REBELLO

Que sabes...?

ASSUMPÇÃO

Perto ou certo deve ser como na caça. Querem vêr? *(Mostra triumphantemente um coelho enforcado n'um laço de arame).*

BARROS

Como se apanha isto?

ASSUMPÇÃO *(assobiando como quem diz que é muito difficil)*

Olhe. E' preciso ter artes para dar o nó, conhecer o carreirinho do coelho, saber das luas...

ALFERES

O quê?

BARROS *e* REBELLO

Das luas!

ASSUMPÇÃO

Pois? Que o animalsinho salta mais alto ou mais baixo conforme é crescente ou minguante. Lá mais para o tarde, é peor. O coelho não tem de comer, joga-se á cebola albarrã. Anda então mais esperto...! Chega-se á borda do matto e começa a mirar. Para a gente lhe dar signal, basta a gente engolir o cuspinho ou tomar o bafo.

BARROS

E ha muito coelho por ahi?

ASSUMPÇÃO

Como papoilas nas estevas, como terra! E tenho...

Não digam nada... Tenho duas abelheiras no fundo d'um corrego, em dois sobreiros.

BARROS

Tambem entendes d'abelhas!

ASSUMPÇÃO

Bom! Ainda hoje o lavrador Simões me deu meio tostão por lhe apanhar um enxame.

BARROS

Cada mordedela, hein?

ASSUMPÇÃO

Qual! Põe-se a gente a cavalo no cortiço, assim, ali ao pé d'ellas, a bater com uma pedrinha e a assobiar. *(Assobia)* E ellas a zunirem, a zunirem, até que entra a rainha. E a gente a assobiar. *(Assobia)* E ellas a entrarem, a entrarem... *(Assobia)* A'manhã de manhãsinha, vou levantar o cortiço e leval-o, emquanto ellas ainda estiverem accommodadas. Bom é saber-se de tudo, que no inverno, ás vezes...

REBELLO

Coitadinhas!

ASSUMPÇÃO

Dias de chuva, que volta uma creatura sem um triste fiosinho enxuto; outros, quando a velha levou toda a noite a peneirar, tudo cheio de geada, as es-

trellas mal começam a apagar-se, e vá de bater o queixo! E ainda isso é fortuna. O mais do tempo, dias e dias, sem trabalho, e a gente, para entreter, a conversar com as coisas!

ALFERES

O' matuta!

BARROS

Que não respondem nada.

REBELLO

Devaneios de cabecinhas ôcas!

ASSUMPÇÃO

Não respondem, não!... Olhem o comboio, quando vae nas horas de estalar. *(Imitando-o)* Pouca terra! pouca terra! pouca terra! pouca terra!... Quando m'o contaram, é que foi rir!... Diz lá POUCA TERRA!... Pois diz! E puz-me a scismar porque não haviam de falar tambem o bafo da charneca, o trigo a resmalhar, o vento nos sobreiros... E falam.. O caso é saber ouvil-os. Falam melhor do que nós, que dizem coisas lindas!

REBELLO *(pensativo)*

Falam!... falam! A's vezes estou assim n'uma deixação e oiço em ternissimo sibilo a voz d'elle! *(Para a ASSUMPÇÃO)* E tu nas coisas do Senhor pódes ouvir a voz divina.

BARROS

Sonhos de Santa Luzia! Mas sympathiso com a terriola. Tenho umas inscripçõesitas que me deixou a minha madrinha, com uns cobres poucos, que pude juntar... Talvez me decida. Ha ahi um homem que vende o moinho em conta, com duas ou tres cercas que trago d'olho...

ALFERES

Tremei, paes de familia! Lavrador e sargento!... Ah! moças de Santa Luzia...! D'isto, Rebello, nós é que entendemos. Não fosse eu tão velho, faziamos sociedade!

BARROS

Se cá me estabelecer, hei de ter a minha casa...

ASSUMPÇÃO *(muito enthusiasmada)*

Compre charneca e mande vir adubos! Só queria ter quatro palmos de terra e uma mão-cheia de gado, que eu lhes diria!

REBELLO

E de portas a dentro, senhor Barros?

BARROS

Uma mulher estimavel, que me estime.

ASSUMPÇÃO

Uma casa!... Isso é que é sonho! Com uma chaminé, que se veja de longe, a deitar fumo...!

REBELLO

Pobre da bastardinha !... O que ella nunca teve !

ASSUMPÇÃO

E lá dentro o lume muito quente, a lenha a estalar, a panella muito chocalheira...! Isso é que é dizer coisas!

REBELLO

Que bôa mulher de casa!

ALFERES

Ha pouco o pensava, quando contava das abelhas.

BARROS, *para a* ASSUMPÇÃO

E não ha nenhum que te queira?

ASSUMPÇÃO

Paleios de que pouco se me dá ou nada.

BARROS

E não queres a nenhum?

ASSUMPÇÃO

São muito tolos. Se me virem um dia a falar de amores com alguem, ha de ser por conta d'outra.

REBELLO

Mas se um pé te resvala?

ASSUMPÇÃO

Não resvala.

BARROS

E não tens medo de queimar um dedinho pelo menos ?

ASSUMPÇÃO

Chupa-se o dedinho e passou.

ALFERES

Quem me dera ser esse alguem !

ASSUMPÇÃO

De quem a outra gostasse ? Tinha eu uma amiga de bom gosto !

BARROS

Fosse commigo !

ASSUMPÇÃO

Presumido !

ALFERES

Se te mettes na empreza, aposto...

ASSUMPÇÃO

Alto !... Fiquem-se todos lembrando. Hei de namorar um homem por conta d'outra e sahir-me sãsinha e escorreita. E' essa a aposta ?... Pois apostado !

REBELLO *(rindo)*

E que nos dás, se perderes ?

ASSUMPÇÃO

Sou tão pobresinha! Mas não hão de ficar mal. Dou-lhes... um beijo a cada um! *(O* BARROS *approxima-se d'ella, todo conquistador, sorrindo)* Ora o tolo! *(Mostrando-lhe os velhos)*... d'aquelles dois!

(Foi escurecendo pouco a pouco. E' quasi noite agora).

SCENA IX

OS MESMOS, MARIA DO Ó
e depois NAZARETH *e* JOAO DA ALEGRIA

MARIA DO Ó *(entrando)*

Já canta o algarvão e ella sem chegar!

NAZARETH *(á porta)*

Bôas noites.

MARIA DO Ó

Louvado seja Deus! Tão tarde!... Estava mais ralada!

REBELLO

Bôas noites. Vens cançadinha?

NAZARETH

Não. Fui tão perto!

JOÃO DA ALEGRIA *(entrando)*

Venho buscal-o, meu pae.

ALFERES

Pena foi não vires mais cedo ; davas troco ás farroncas do sargento, ás furias do Rebello e aos azeites da senhora Maria do Ó.

MARIA DO Ó

Fazem-me arrenegar, digo coisas e depois a culpa é minha!

REBELLO

Mal sabe vocemecê qne vamos ter mais um proprietario na freguezia, o senhor Barros.

MARIA DO Ó

Viva! Mas olhe que entre a gente séria não se reza por ahi bem de vocemecê. Já por duas vezes conversou commigo e o que lhe ouvi não me quadrou.

REBELLO

Bem, bem. Deixe-se agora de maus genios e vá-nos arranjando uns copinhos para bebermos á saude do nosso lavrador. Talvez uma gota de aguardente? E' de medronhos, mas uma delicia! *(Para a* MARIA DO Ó*)* Na primeira prateleira, lá no fundo. O nosso João da Alegria tambem bebe.

JOÃO DA ALEGRIA *(recusando)*

Muito obrigado, senhor Rebello.

ALFERES

Não te faças moquenco! Come-lhe e bebe-lhe, que me andas um trinca-espinhas!

REBELLO

Um tudo-nada. E havemos de beber tambem á nossa Assumpção, para que ache um bom marido. *(Vasando a aguardente nos copos)* Vá sempre uma gota, João da Alegria. E' muito suavesinha. Engarrafei-a ha tres annos.

BARROS *(de pé, com o copo na mão)*

Pois, senhor Rebello, agradecendo a sua hospitalidade, cumpre-me tornar aqui patentes os meus sentimentos de gratidão e sympathia Sei que se me abriram as portas da casa d'um homem honrado.

ALFERES

Muito bem!

BARROS

Divergencias de opiniões não alteram sentimentos. Sei do seu... Como direi?... atrazo — desculpe-me a palavra—pelo muito que tenho ouvido, pelo pouco que tenho a honra de conhecel o e até por aquelle aliás venerando retrato, que symbolisa idéas oppos-

tas ás minhas. O seculo caminha e eu sou do meu seculo. Porque, meus senhores, quem inventou as machinas de vapor? Nós. Quem descobriu a navegação aerea? Nos. Quem... *(Não achando logo o termo)* ideou o telegrapho electrico? Nós.

ASSUMPÇÃO

Que homem!

BARROS

Mas isso não obsta a que eu, de todo o coração, respeitando o seu veneravel amor ás tradições, beba á paz da familia, á tranquilidade do espirito, ás merecidas felicidades de tão conspicuo cavalheiro e de sua virtuosissima nora, aqui presente *(Bebe)*.

ALFERES

Muito bem! *(Chamando o* REBELLO, *que está distrahido)* Então!... Ó Rebello!

REBELLO *(que ao principio deu attenção ao* BARROS, *mas pouco a pouco se distrahiu olhando para a rolha, que tem na mão)*

Ah! *(Põe a rolha sobre a mesa)* Queira desculp... *(Pega outra vez na rolha)* E' que... *(Olha para ella sorrindo)* Queres vêr, Nazareth? Olha. Vê se lembras. *(Dá-lhe a rolha)*.

NAZARETH

Tem uma estrella... Não me lembra...

REBELLO

Aqui ao teu lado, com um canivete... Não te lembras? Tinha uma habilidade, coitadinho!... Eram vocês noivos ainda, e elle disse: — «Quando se abrir esta garrafa, havemos de lembrar este momento». Tinha uns dedos de fada! Quer vêr, senhor Barros? Ó senhora Maria do Ó, accenda o candieiro.

BARROS

Aqui tem um phosphoro, minha senhora. De cêra, o que ha de melhor.

MARIA DO Ó

Muito obrigada. Atiram coisas á cara da gente.

REBELLO *(indo junto do leito buscar o quadro)*

Vae vêr o talento com que trabalhava!

ALFERES *(baixo á* ASSUMPÇÃO)

Coitado! Tudo são lembranças do filho!

MARIA DO Ó *(accendendo um phosphoro no páo enxofrado, que foi buscar ao armario)*

Detesto idéas modernas! Só me avenho com os phosphoros, que Deus Nosso Senhor creou *(Accende o candieiro)*.

REBELLO

Ah! grande dôr foi esta com que Deus me quiz

visitar; mas não fiquei ferido de morte e ainda mal!... E a pobre Nazareth? Não sei como não morremos ambos!... Vão ver. E' o retrato dos noivos tirado em Beja. Tanta alegria a pular nos olhos d'elles!... Chega a luz, faz favor, senhora Maria do Ó?... Foi elle quem fez a moldura. Tudo recortadinho em cortiça. E' lindo, não é senhor Barros?

BARROS

Decerto! Uma perfeição! Que delicadeza e que paciencia!

REBELLO

Aqui, ao pé de nós, nas horas d'ocio, á luz dos olhos d'ella.

(O BARROS, *o* ALFERES, *e a* ASSUMPÇÃO *estão vendo o quadro que o* REBELLO *pôz sobre a mesa. A* MARIA DO Ó *alumia).*

JOÃO DA ALEGRIA *(baixo, approximando-se de* NAZARETH*)*

Fui retrilhando as suas pégadas á ida e á volta. Não entrou no cemiterio.

NAZARETH

Não; tive medo.

JOÃO DA ALEGRIA

Nazareth...!

NAZARETH

Cale-se, que me perde!

*(*JOÃO DA ALEGRIA *afasta-se).*

REBELLO

N'aquella cama expirou! E eu sem me convencer...! Era como se vira o sol a vasquejar!... Hoje, hoje faz dois annos!

ALFERES

E é verdede!... O' Rebello!... E eu ainda agora... *(Abraça-o)* Você desculpe, homem! Foi a tal cantoria...! O' Rebello!

REBELLO

O que me vale é tantos amigos. *(Apontando para a* NAZARETH*)* E aquella sobretudo. Não morremos, foi para bem nosso ou d'outros. Dê-me o chapéo, senhora Maria do Ó. Vou acompanhal-o um instante Alferes. Gosto d'este lusco-fusco sereno e saudoso. Desculpe, senhor Barros; mas qualquer coisa...

BARROS

Pelo amor de Deus...! *(Para a* NAZARETH*)* Minha senhora, bôa noite.

REBELLO *(para a* MARIA DO Ó*)*

Até já. Ponha o quadrinho no seu logar. Não me demoro.

ALFERES *(para a* ASSUMPÇÃO*)*

Vem d'ahi, pequena. Bôa noite. *(Sahindo abraçado ao* JOÃO DA ALEGRIA*)* Ah! meu João, meu João! O que nós gostamos de vocês!

(A MARIA DO Ó *vae collocar o quadro no seu logar. A* NAZARETH *senta-se no poial da janella, olhando para a rua).*

SCENA X

MARIA DO Ó *e* NAZARETH

MARIA DO Ó *(descendo)*

Onde ella foi pespegar-se! Fecha a janella, que te faz mal a humidade...

NAZARETH

Já fecho. Não faz.

MARIA DO Ó

Não faz...! E' por essas e por outras...

NAZARETH

A tia anda tão rabugenta!...

MARIA DO Ó

A culpa é minha! Põem-se todos a derriçar commigo, espicaçam-me, depois, se me assanho, aqui d'el-rei, que é rabuge!

NAZARETH

Está frio. *(Fecha a janella).*

MARIA DO Ó

Estive, ainda agora, a conversar com o senhor Rebello a teu respeito.

NAZARETH *(indifferente)*

Sim? Que disseram?

MARIA DO Ó

Que precisamos ajudar-te a espraiar essas tristezas.

NAZARETH *(encolhendo os hombros)*

As minhas tristezas...!

MARIA DO Ó

Bem sei que a tua fortuna foi sol de janeiro; mas de saudades ninguem vive.

NAZARETH *(sentando-se, sem dar attenção a* MARIA DO Ó*)*

Esteve um dia lindo! O sol a pôr-se...! Não se via uma nuvem!... E que data de flores!... Quasi não podia respirar.

MARIA DO Ó

E no cemiterio?

NAZARETH

Era já sol posto; o Jeronymo tinha fechado a porta. Vinham todas cantando... as moças da minha edade!... O cheiro do matto cortado fez-me dôres de cabeça. Parece que abafo! Ó tia, tenha paciencia, abra outra vez a janella.

MARIA DO Ó *(olha iuquieta para* NAZARETH, *vae abrir a janella e volta)*

Que tens ?

NAZARETH *(levantando-se)*

Tenho... que já não posso!

MARIA DO Ó

Que dizes tu!... Porque te encontraste com meia duzia de estouvadas, que vinham rindo e cantando... Ai, filha, dá bôas graças a Deus por te veres livre de tantas occasiões que fazem resvalar aquellas malditas! Vae um traz d'ellas a dizer-lhes finezas e tolices... Pois é d'isso que tens pena ?

NAZARETH

Tenho.

MARIA DO Ó

Não eras então amiga do teu homem ?

NAZARETH

Quando enviuvei, a tia bem sabe que até pensaram que eu morria!

MARIA DO Ó

E já não tens saudades d'elle!

NAZARETH

Já não tenho logar para saudades.

MARIA DO Ó

Deixa-me, filha, benzer, que isso foi quebranto!

NAZARETH

Ainda eu não queria, já os olhos me fugiam para elle!

MARIA DO Ó

Mau inferno lhe dê Deus na alma e me perdôe!... Elle quem?

NAZARETH

Pois conhece outro?

MARIA DO Ó

Fiquei na mesma. E que queres então fazer?

NAZARETH

Casar.

MARIA DO Ó

E o pobre do senhor Rebello?

NAZARETH

Bem sei, bem sei... Ai, que inferno!

MARIA DO Ó

Mas ainda não pensaste, cabecinha de vento... Tens duas cerquinhas ali em baixo, um ferregial de nada no caminho de Collos, olha a grande riqueza! O senhor Rebello, sim; quanto ganhou no villa como

tabellião e o mais que lhe veiu da familia são hoje bellas herdades, montados, terras de pão, varzeas das melhores. De teu sogro has de herdar, todos o sabem, casa de tão bom recheio, com que leves vida regalada. E até lá, que socego! Depois... vá de torcer a orelha!... Adeus, dias serenos com tanto vagar para as tuas orações!

NAZARETH

A tia sempre foi solteira; a tia não sabe.

MARIA DO Ó

Por isso te via ás vezes pasmada, e eu sem saber aonde o teu olhar ia parar comsigo!... Tão calada! Parecia que estavas na muda! E estavas... largando umas penas por outras maiores!

NAZARETH

Quando corro pela lembrança os melhores instantes do tempo passado...

MARIA DO Ó

Não nos deixeis, Senhor, cahir em tentação!

NAZARETH

...Vejo que podem, que devem voltar. Sou tão nova, minha tia!

MARIA DO Ó

E porque és nova, toca a dar cabo do velho!

NAZARETH

Não, não!

MARIA DO Ó *(baixo)*

Então que venha o outro ahi, noite negra, cosido com a parede...

NAZARETH

Mas acuda-me, tia, acuda-me! Diga, diga...

MARIA DO Ó

Sei lá de que santo me hei de valer! És viuva e nova. Santo Antonio só casa solteiras, S. Gonçalo só casa velhas.. !

NAZARETH

Valha-me Deus!... Valha-me Deus!...

MARIA DO Ó

Isso! Pede-lhe o seu misericordioso amparo. Mas olha, minha filha, que o não haver santo para o teu caso, faz-me desconfiar muito da santidade d'elle! Creatura mais desatinada...!

NAZARETH

As noites que eu passo até ver as gretas da janella a luzirem! E que dias! Abafo aqui, debaixo d'estes tectos! Meu pae sempre a lembrar-me, a lembrar-me...! A culpa é d'elle tambem!... Que inveja das outras! Pobresinhas, mas cantam, riem. apanham sol!... E eu...! *(Ouve-se fóra a voz do* REBELLO*)* Elle ahi

vem! Que tormento! *(Fazendo á* MARIA DO Ó *signal para que se cale)* Pelo amor de Deus, tia...! *(Enxuga os olhos)*

MARIA DO Ó

Descança. Puzeste-me um aziar.

SCENA XI

AS MESMAS *e* REBELLO

REBELLO *(falando para fóra)*

E quando queira informações ou... Emfim, o meu prestimo está ás suas ordens.

BARROS *(fóra)*

Muito obrigado. Muito bôa noite.

REBELLO *(entrando e fechando a porta)*

Dado a amores, cabeça no ar... mas parece-me um bom rapaz, Não vá o Alferes deital-o a perder! *(Vindo ter com a* NAZARETH*)* Então que é isso? Lagrimas e mais lagrimas!... Valha-te Deus! Pede-lhe conformidade. Feche ali a janella, senhora Maria do Ó. As tardes estão frescas ainda. *(Para a* NAZARETH*)* Que dia lindo esteve! Não reparaste?

NAZARETH

Lindo!

REBELLO

Estas mudanças de estação trazem ás vezes á memoria coisas adormentadas! *(Para a* MARIA DO Ó) Tenha paciencia, vá-nos tratando da ceia.

MARIA DO Ó

A agua já ferve.

REBELLO

Ponha então a mesa. Vae a assordinha saber-me bem, que estou com frio. O sol esteve lindo, o ar cheio de perfumes acordando lembranças...! Não ha para mim como os perfumes! Não sei se os mais. . *(Chamando)* Nazareth! *(Mais alto)* Nazareth! Em que estás pensando?

NAZARETH

N'isso mesmo, meu pae.

REBELLO

O Barros quer ahi estabelecer-se e as moças andam todas atraz d'elle. Coitadas! O peor é que muitas fazem veniaga da belleza e com ella da honra.

MARIA DO Ó

Se eu percebi, Deus lhes perdôe. *(Vae buscar a mesinha de pé de gallo e abre-a em meio da casa. Tira do armario toalha, pratos, talheres, copos e uma garrafa de vinho. Põe logares para tres pessoas).*

REBELLO

Agora vae com a guitarra correr a aldeia. Ah! mocidade! *(NAZARETH dá um profundo suspiro. MARIA DO Ó pára um instante nos arranjos e olha para ella)* Suspiras!... Coitada!... Falta-nos aquelle lume dos nossos olhos agora tão cançados de chorar. Vês-me conforme com os divinos decretos, mas a saudade é a alma da minh'alma! Durante o inverno, quantas vezes me lembrei de tantas noites, tão felizes, ali, nós tres ao amor do lume!.. Hoje então esta primavera... Tenho frio. Dá-me o capote. Estou velho, fraco e achacoso. *(Senta-se)* Muito gostava elle do sol! Uma vez, quando pequenino, ao meu cóllo, era por este tempo, teria elle seis mezes, seis ou sete, o sol a pôr-se, o céo todo doirado... e elle, muito alegre, com as pernitas a dar a dar, e com as mãosinhas papudas, cheias de covinhas, com unhitas como folhinhas de rosa, a chamar, a chamar o sol...! Gostava do sol... e por isso casou comtigo. *(NAZARETH quer pôr-lhe o capote nos hombros)* Não, não. Basta nos joelhos. *(Aconchega-se)* Obrigado. Linda que tu és!... Gostava do sol... *(Mostrando o ceo)* e por isso... morreu! *(Limpa os olhos)* A saudade que te embebe as horas é o pão de cada dia para o meu coração! Seja feita a vontade de Deus E tu, minha Nazareth, endireita os erros da tua imaginaçãosinha e leva de melhor mente a tua cruz. Quando entrares em turbação, desafoga commigo. Deus não ha de

querer prolongar te estes tempos de recusa e desamparo Distrahe-te. Senta-te ao pé de mim. Onde ficámos hontem?

NAZARETH

No livro do Padre Vieira, meu pae?

REBELLO

Parece-me que exactamente iamos ler o trecho sobre o amor, não era? Senta-te aqui, que eu te chego a luz. *(Para a* MARIA DO Ó*)* Se a assordinha está prompta, venha ella. *(Dando o livro á* NAZARETH*)* Tens a pagina marcada? Começa, filhinha.

(A MARIA DO Ó *acaba de pôr a mesa e sae nos bicos dos pés durante a leitura).*

NAZARETH, *sentada na cadeirinha baixa, lendo como escolar, devagarinho, pontuando mal e pegando nas palavras* **esphera** *e* **jurisdicções.**

«O amor a quem remediou e poude curar o tempo, bem poderá ser que fosse doença, mas não é amor. O amor perfeito, o que só merece o nome de amor, vive immortal sobre a esphera da mudança e não chegam lá as jurisdicções do tempo. Nem os annos o diminuem, nem os seculos o enfraquecem, nem as eternidades o cançam.» *(Passando o livro ao* REBELLO*)* Aqui.

REBELLO *(pondo as lunetas e lendo)*

«*Omni tempore diligit qui amicus est.*» *(Dá-lhe outra vez o livro).*

NAZARETH *(continuando a ler)*

...«disse nos seus proverbios o Salomão da lei velha e o Salomão da lei nova, Santo Agostinho, commentando o mesmo... *tecsto*...

REBELLO *(emendando)*

Texto.

NAZARETH *(continuando)*

Texto, penetrou o fundo d'elle, com esta admiravel sentença:... *(Torna a dar o livro ao* REBELLO*)*.

REBELLO *(lendo)*

«*Manifeste declarans amicitiam æternam esse, si vera est: si autem desierit nunquam vera fuit.*» Quiz-nos declarar Salomão, diz Agostinho, que o amor que é verdadeiro, tem obrigação de ser eterno, porque, se em algum tempo deixou de ser, nunca foi amor. Notavel dizer!» *(Enthusiasmando-se)* Ouve! Ouve!... Ah! sei o trecho de cór! *(Põe as lunetas e o livro sobre a mesa e declama)* «Em todas as outras coisas o deixar de ser é signal de que já foram, no amor o deixar de ser é signal de nunca ter sido. Deixou de ser, pois nunca foi; deixaste de amar, pois nunca amaste! O amor que não é de todo o tempo e de todos os tempos não é amor nem foi; porque se chegou a ter fim, nunca teve principio. E' como a eternidade, que, se, por impossivel, tivera fim, não teria sido eternidade!» *(Tremulo)* Ah! Nazareth!...

Nazareth! *(A* NAZARETH, *que se levantára, olha espantada para o* REBELLO. *Está de pé do outro lado da mesa)* Se um dia, por impossivel, deixasses de amar o meu filho...

MARIA DO Ó *(entrando com a terrina)*

A assorda.

REBELLO *(continuando)*

...Diria que nunca o tinhas amado! *(Pausa)* Já me cheiram os coentros. *(Vem abraçar a* NAZARETH *com muita ternura, encaminhando-a para a mesa)* Vamos á ceia, minha filha.

ACTO SEGUNDO

A SCENA

Um pedaço de campo ao pé do cemiterio, do qual alguns cyprestes se avistam ao canto da direita por detraz do muro muito caiado. Dá-lhe entrada uma cancella de madeira, sob um arco de alvenaria com uma cruz. A' esquerda baixa, o vallado de uma cerca fazendo esquina. Por detraz as copas d'umas oliveiras. Junto ao muro um assento tosco de pedras brutas. A' direita baixa, um poço circular e duas pedras formando assento. O caminho que vem de Santa Luzia atravessa o palco da esquerda alta para a direita baixa. Paizagem do baixo Alemtejo em meados de abril. Ao longe, o recorte dos montes no céo muito azul. Matto florido. Sobreiros. Azinheiras.

SCENA PRIMEIRA

REBELLO *e* NAZARETH

REBELLO *(entrando, dando o braço á* NAZARETH*)*

O caminho é costa arriba, estreito e de máo piso, mas vae dar no céo. Passaste mal a noite e eu tambem, porque me soava o soluçar dos teus gemidos e d'elles me condoía.

NAZARETH

Não me sinto peor, meu pae.

REBELLO

Precisas espairecer. Se quizeres, vamos, mal chegue o verão, para alguma d'essas praias, Sines ou Porto-Côvo.

NAZARETH *(assustada)*

Deixar Santa Luzia !...

REBELLO

Custava-te! *(Ameigando-a)* Coitada!... Ás vezes, doe-me a consciencia, pesa-me, porque... Perdôa. Isso é de verdade ser-se bôa esposa, até para além da morte. Mas sabes? Ás vezes parece-me que me

alegra a tua dôr! Reza. Faze por conformar-te; Deus ha de prosperar os teus esforços.

NAZARETH

Todas as noites digo um terço por alma do Manuel.

REBELLO

Eu te seja exemplo de quanto póde a natureza humana, se a ajudar o favor divino. A compleição do teu espirito é summamente sensivel. Distrahe-te, filha. Não te agrada o passeio?

NAZARETH

Um dia lindo!

REBELLO

As pernas é que já me tomam este caminho! Outro dia iremos para o lado das Barreiras; é mais alegre. Mas quer a gente recordar-se da vida que foi, e, ai de nós! tudo, agora e para sempre, são lembranças de morte!

SCENA II

OS MESMOS *e* ASSUMPÇAO

ASSUMPÇÃO *(entrando com o sacho ao hombro e um taleigosito na mão)*

Salve-os Deus. Bôas tardes.

REBELLO *(para a* NAZARETH*)*

Ora aqui tens quem não sabe tecer nuvens. Conversa com ella, emquanto me vou ali a umas orações. Não venhas tu por ora. Dá um allivio ao teu espirito. *(Para a* ASSUMPÇÃO*)* Não vaes dormir a folga ?

ASSUMPÇÃO

Hei de logo passar pelo somno. O tempo já não é de sobra. Andei entretida atraz d'um grillo...

NAZARETH *(sorrindo)*

Como S. João.

ASSUMPÇÃO

Ás vezes, de noite não durmo, quero ouvil-o cantar. Ainda aqui tenho a gaiola do anno passado. Não sei onde o mofino se metteu, depois calou-se... Nem jantei !

REBELLO *(rindo)*

Até já, minhas filhas. *(Para a* Assumpção*)* Vê se me fazes rir a Nazareth. Conta-lhe das tuas historias. Adeus. *(Entra no cemiterio)*

SCENA III

NAZARETH *e* ASSUMPÇAO

ASSUMPÇÃO

Os zangãos já andam cá por fóra, no ar, de respingadeira, a zunir, como elles ahi sôam. *(Atira uma pedra ao ar)* Eh! diabos! *(Rindo)* Que data d'elles atraz da pedra!

NAZARETH

A primavera!... Já foi uma alegria!... Não tardam os bailes, os mastros pelo Santo Antonio, S. João... Para as outras!

ASSUMPÇÃO

Tenho ali o meu adufe ao sol, a entoar. *(Tira do taleigosito um bocado de pão, corta fatias com a navalha e vae comendo e falando)*

NAZARETH

E é bom o teu adufe?

ASSUMPÇÃO

Dos melhores, de pelle de cabra.

NAZARETH

E de cantigas como vamos?

ASSUMPÇÃO

Novas e bem bonitas. Mas muitas moças estragam-as, porque lhes mettem folhagem de casa d'ellas. Uma tolice, pois não é?

NAZARETH

Nas cantigas e no mais.

ASSUMPÇÃO

O Barros é que nos veiu dar muita alma! Já o ouviu com a guitarra? Nem um anjo! Azoinou toda a familia da aldeia!

NAZARETH

Mal, uma outra vez, de longe... Não sáio, não vou a nada... *(Com um suspiro)* Que remedio senão aturar o fadario, dia e noite!

ASSUMPÇÃO

Dá-nos nem sei o quê, uma coisa, quando elle toca!... É um arripio por nós acima, que faz vontade de chorar!... Sente a gente uma comichãosinha nos olhos muito turvos, e é tão bom!... Bello moço,

pois não é? Aquelles bigodes...! *(Com arrogancia)* Pu...! Cá para meu gosto... militares!

NAZARETH

És feliz, que pódes dizer alto de quem gostas.

ASSUMPÇÃO

Que isto é modo de falar. Importa-me cá! Em amores, como no mais, hei de ser desfortunosa. Mas deixal-o. Quem não tem de seu... Olhe o Antonio ceguinho, que cegou ao nascer, se lhe importa a luz, a nossa maior riqueza?... Eu não penso em amores. *(Tira o chapéo, que deita para o chão, e desata o lenço)* Estou com somno.

NAZARETH

Quem me dera ser assim pobresinha como tu, e no mais... quem me déra!

ASSUMPÇÃO

De que ha de queixar-se? Tem a sua casa, vive sem cuidados...

NAZARETH

A minha casa...! *(Encolhe os hombros com um gesto aborrecido e triste)* Deixa-me respirar! *(Desata o lenço)* Se pudesse esquecer... Conta-me coisas tuas. Qual é a mais bonita de vocês? Elles que dizem?

ASSUMPÇÃO

Sei lá! Quando se trata de bôas mulheres, todos falam na Rebellinha.

NAZARETH

Em mim...!

ASSUMPÇÃO

Bom! Pois não teem olhos?

NAZARETH

Embiocada sempre n'este lenço preto...! Fui, fui. Agora estou um cangalho. Parece-me que já lá vão tantos annos...! Quem se lembra de mim? Sou da tua edade, pouco mais velha; pois, quando me vejo ao espelho, espanta-me não estar cheia de cabellos brancos! Levo uma vida tão triste!

ASSUMPÇÃO

E' d'essa côr negra e negregada... *(Sorrindo para ella e tirando o lenço)* Deixe vêr.

NAZARETH *(como assustada)*

O quê?

ASSUMPÇÃO

Só vêr. Não vem ninguem. E que viesse? *(Tira-lhe o lenço preto)* Pobresinho, mas aceadinho, lá por isso... Só vêr.

NAZARETH

Côres vivas e alegres já não são para mim.

ASSUMPÇÃO

Maluqueiras! *(Põe-lhe o lenço vermelho)*

NAZARETH

Coisas da tua cabeça...! Se ahi vem meu pae...! *(Sorrindo)* Ainda me vae bem? Deixa vêr-me nos teus olhos!

ASSUMPÇÃO *(admirando-a)*

Mana, como ficas linda!... Nem a Senhora Apparecida!

NAZARETH *(rindo)*

Os teus olhos estão a rir de me terem lá dentro assim!... Olha! Olha! Deixa vêr-me! *(Tirando o lenço, assustada)* Se alguem viesse...!

ASSUMPÇÃO *(dando-lhe o lenço preto)*

Raio de côr!... Que horas serão? Estou com somno.

NAZARETH

Tens tempo até ás duas. Dorme. Quem me dera os sonhos que pódes sonhar! Os meus só se forem saudades...

ASSUMPÇÃO *(junto do vallado da cerca, deitada de costas, com a cabeça sobre o chapeo)*

Coitadinha!

NAZARETH

... do que não chegou a ser! Vou ter com meu pae. *(Espreguiça-se)* Adeus, Assumpção.

ASSUMPÇÃO *(adormecendo)*

Queira Deus que eu sonhe com a Senhora Apparecida.

NAZARETH *(sorrindo)*

De lenço vermelho, a rir... Tambem eu sonhei. Dorme. *(Encaminha-se muito lentamente para o cemiterio)* Meu Deus!... Que vida a minha!

SCENA IV

AS MESMAS *e* JOÃO DA ALEGRIA

JOÃO DA ALEGRIA

Nazareth!

NAZARETH *(já quasi á porta do cemiterio voltando-se assustada)*

João!... Se alguem...

JOÃO DA ALEGRIA

Quem ha de reparar?

NAZARETH

Schiu... A Assumpção ali...!

JOÃO DA ALEGRIA *(descendo)*

Está dormindo.

NAZARETH

E meu pae...

JOÃO DA ALEGRIA

Tanta vez, ainda hontem, estivemos sós em sua casa, e ninguem...

NAZARETH

Hoje não é hontem. Que eu nem uma palavra lhe disse...

JOÃO DA ALEGRIA

Oh! Nazareth!... E não entrou ali, porque teve medo!... E, se eu falasse... que a perdia...!

NAZARETH

Cale-se! Cale-se! Saiu-me aquillo pela bocca fóra!... Se soubesse como estou repesa! Toda a santa noite não pude pregar olho!

JOÃO DA ALEGRIA

Andei toda a santa noite em volta da sua casa. Não havia forças que me arrancassem de ao pé d'aquella porta!

NAZARETH

Nossa Senhora nos valha!... Se alguem reparou...!

JOÃO DA ALEGRIA

Dizem que os olhos são janellas da alma, por isso eu bem sabia... sabiamos um do outro, Nazareth. Mas aquellas palavras d'hontem deram-me a firme certeza, porque mais nos fiamos dos ouvidos que dos olhos.

NAZARETH

Transida, toda a noite, a tremer de meu pae, sustive um grito, que se me queria desentranhar do coração!

JOÃO DA ALEGRIA

Deus lhe pague todo o bem que me fizeram aquellas palavras! Mal a vi passar, não pude conter-me que não viesse desabafar toda a minha alegria!

NAZARETH

Fale baixo, E' um terror...! Parece que vou n'um máo caminho!

JOÃO DA ALEGRIA

Pois não é livre? Não é este amor a nossa vida?

NAZARETH *(cerrando os olhos)*

A vida...! A vida...!

(Por detraz do muro do cemiterio apparece e desapparece a enxada do coveiro)

O COVEIRO *(cantando e cavando)*

Senhora Santa Luzia
Lavada do vento norte,
Quem n'ella tem seus amores
Não póde ter melhor sorte.

NAZARETH *(com um arripio)*

E' de mau agoiro a cantiga d'este homem.

JOÃO DA ALEGRIA

Não tem folga, porque trabalha de empreitada, e canta para desafôgo. De mau agoiro porquê?

(Ao fundo, junto do muro do cemiterio, começa um grillo a cantar).

NAZARETH

E' a cantiga que me disse hontem. A toada tão linda soou-me triste!

JOÃO DA ALEGRIA

A quem póde contrariar o nosso casamento?

NAZARETH

E meu pae?

JOÃO DA ALEGRIA

Havemos de convencel-o.

NAZARETH

Se isso bastasse...

JOÃO DA ALEGRIA

Ah! Nazareth! E' que eu não pensei na muita riqueza d'elle, nas esperanças que havia de perder!

NAZARETH *(offendida)*

João da Alegria!

JOÃO DA ALEGRIA

Perdôe-me. Endoideci! Vinha tão feliz entregar-lhe o meu coração e assim me dá cabo d'elle!

NAZARETH

Era a morte do velho!

(A ASSUMPÇÃO *desperta pouco a pouco e vae de gatas procurar o grillo, sem fazer reparo nos dois, que continuam conversando).*

JOÃO DA ALEGRIA

Que hei de fazer, senão bater á porta d'um amigo que me recolha, longe, muito longe d'aqui? Hoje mais uma vez me escreveu, pedindo-me uma resposta definitiva. Eu mesmo irei leval-a. Hei de arrancar de raiz meu entranhavel affecto! No segredo da minha alma nem sequer posso á saudade pedir-lhe um alvor de esperança!

NAZARETH

Nascemos com negra sina!

JOÃO DA ALEGRIA

Liga nos os corações um laço feito de angustias!

Não posso! Não quero!... Mas, se é preciso, Nazareth, occultemos o nosso amor!...

NAZARETH

Desairada aos olhos...

JOÃO DA ALEGRIA

Quem o saberia?

NAZARETH

Aos seus me bastava.

JOÃO DA ALEGRIA

Tudo merecerá do meu amor. No meu conceito nada haverá perdido.

NAZARETH

Levar a vida a mentir! Meu pae sempre a falar-me no outro!

JOÃO DA ALEGRIA

E, quando sahisse de ao pé de mim, se um dia uma saudade... Que ciumes, Nazareth!... Não póde ser, não! Perdõe-me. Não tenho luz clara para vêr a minha desgraça e offendo-a! Que vae ser da minha vida?

NAZARETH

E da minha sem um desafôgo, sempre a mortificarem-me as consolações de meu pae!

JOÃO DA ALEGRIA.

Pae lhe diz, mas ê segro. Em sua dôr egoista e cega, que lhe importa a minha, que lhe importa a nossa morte?... Não! Bem vê que não póde ser. Tão novos, deixarmo-nos morrer assim! Deus, que lhe deu a liberdade, foi porque pôz sua vontade em nosso amor! Amemo-nos, Nazareth! Temos tantos annos de vida adiante de nós!... Gozemol-os! Deus o quer. Has de ser minha esposa. Dize que te conformas com a divina vontade. Responde, Nazareth. Dize que me queres!

NAZARETH

João...! Quero ser tua, um instante que seja!

O COVEIRO *(cantando)*

Senhora Santa Luzia,
Lavada do vento norte,...

NAZARETH

Elle outra vez!

ASSUMPÇÃO *(trepada ao muro do cemiterio)*

Quem n'ella tem seus amores
Não póde ter melhor sorte.

NAZARETH

A Assumpção! Afaste-se.

O COVEIRO

Ah! garota!

ASSUMPÇÃO *(rindo muito)*

De empreitada! Um tostão cada cova! *(Desce a correr, muito contente, mostrando o grillo dentro da gaiola)* Apanhei o grillo! o grillo!

SCENA V

OS MESMOS, ALFERES *e* MARIA DO Ó

ASSUMPÇÃO

Olá! Visitas na roça!... *(Para o* ALFERES *e* MARIA DO Ó *que veem entrando)* Vivam! Como vae, senhora Maria do Ó?

MARIA DO Ó

Muito chôcha. Caruncho. *(Para a* NAZARETH*)* Que é do teu pae?

NAZARETH

Está ali. Agora mesmo ia ter com elle.

MARIA DO Ó

Então vae, filha. Eu fico-me a descançar um bocadinho.

NAZARETH

Até já, senhor Alferes. *(Encaminha-se para o cemiterio)*

MARIA DO Ó

Reza com devoção. *(Sentando-se)* Ai, as minhas pernas!...

ALFERES

E tu, meu rapaz?

JOÃO DA ALEGRIA

Um dia lindo, vou aproveital-o até ás duas, emquanto os pequenos jantam.

ALFERES

Não sei como pódes, manhã e tarde, b-a-ba, b-e-be! Vae, passeia, areja-me essa cabeça!

JOÃO DA ALEGRIA

Sua benção, meu pae. *(Beija-lhe a mão)*

ALFERES

Deus te conserve. *(Para a* Assumpção*)* Tu espera; vinhamos procurar-te.

(O João da Alegria *faz um pequeno gesto de adeus á* Nazareth, *que parou á porta do cemiterio olhando para elle. A* Assumpção *com gravidade comica perfila-se e mette o grillo na algibeira)*

SCENA VI

ASSUMPÇÃO, ALFERES *e* MARIA DO Ó

MARIA DO Ó

E' um caso muito serio.

ALFERES

Que trataremos com muita gravidade.

MARIA DO Ó

Já vês: para eu, com todos os meus escrupulos, vir ter com este excommungado! Deus me perdôe, se não foi Nossa Senhora quem me alumiou!

ALFERES *(rindo por troça)*

Deixe-se agora de luminarias, senhora Maria do Ó.

MARIA DO Ó

Começa vocemecê a chasquear-me com esse risinho calado de cavalgadura!

ASSUMPÇÃO *(batendo na algibeira, onde o grillo se pôz a cantar)*

Eh! bico! Não vês que o caso é serio?

ALFERES

Lembras-te do que a Nazareth chorou pelo homem?

MARIA DO Ó

Lembras-te? Pois, menina, por um olho azeite, por outro vinagre!

ASSUMPÇÃO *(pasmada)*

O que diz ella?

ALFERES

Palavreado de velha! Afinal, aconteceu-lhe o que a muitas com o andar dos tempos. Deu-lhe na veneta casar-se outra vez.

MARIA DO Ó *(benzendo-se)*

E lembrámo-nos de vir ter comtigo, para vermos se sabias como isso foi, porque foi, com quem foi.

ASSUMPÇÃO

Ora! ora! ora!... Pois era então...!

ALFERES

Olhe á direita, senhora Maria do Ó! Em vez de benzer-se, escute a pequena que é atilada.

ASSUMPÇÃO

Ora! ora!... Aqui teem o que me fez desconfiar: Uma d'estas tardes, falavamos do senhor João da Alegria, que talvez fosse para Beja procurar remedio

de vida... A tal historia dos meninos do Doutor. Ella bem nos estava ouvindo, mas com aquelle arzinho triste, a olhar para as nuvens!... N'isto, uma de nós — desculpe, senhor Alferes, são coisas em que as moças falamos — aventou que elle podia por lá casar com a filha mais velha do homem, que pelos modos tem milho. E vejo a Rebellinha... *(Para a* MARIA DO Ó, *emendando)* a senhora Nazareth... Aquillo foi mal ouvir a palavra *casamento* e fazer-se branca-branquinha, mais que os golfos da ribeira!

MARIA DO Ó *(sentenciosa)*

De tanto escandalo a que assistimos n'este calamitoso seculo me queira Deus tirar a salvo!

ALFERES

Vê? Ora ahi está porque a viuvinha deu n'aquillo; Elle lê nos livros, vocemecê repete de ouvido, andam pelas alturas sem oculos e não vêem o que passa cá por baixo!

ASSUMPÇÃO

Mas quem é o ditoso?

MARIA DO Ó

Por mais que lh'o perguntasse... A primeira ainda me disse: — «Pois conhece outro?» Julgou que me dava um grande clarão!... Depois da ceia voltei á carga, mas fechou-se muito casmurra; nem por

muito que me esbofei, nem á mão de Deus Padre houve arrancar-lhe mais palavra! O bonifrate é agulha em palheiro!

ALFERES

Procural-o é com vocemecês do sexo fragil. Corram-me a lista d'esses rapazes. Com a breca! Se me perguntassem por quem um d'elles andava doido, dizia logo: Pela Rebellinha! Não deve ser isso mais custoso para vocemecês que entendem d'homens!

MARIA DO Ó *(offendida)*

Eu!...

ASSUMPÇÃO *(batendo na algibeira, onde o grillo se pôz a cantar*

Quieto!

ALFERES *(para a* MARIA DO Ó)

Vá, franquezinha! Quando era nova, quem lhe desnorteou o tino?

MARIA DO Ó

Seja em desconto dos meus peccados! Vocemecê bem sabe, que ainda hontem sem vergonha nenhuma ..

ALFERES

Viu-me ahi com o regimento e...

MARIA DO Ó

As moças d'hoje não são melhores. Veja, quando

da feira de Garvão, o anno passado: a não ser o palhaço, que azoinou tres cabeças, as mais d'ellas...

ALFERES *(rindo)*

O que por ahi se contou contra os soldadinhos do destacamento e os policias de Beja!

MARIA DO Ó

Parece que o inimigo lhes ensina as tranquibernias!... Mas isso para o nosso caso não serve.

ALFERES

A farda!

ASSUMPÇÃO

A farda?... *(Para a* MARIA DO Ó*)* Serve!

MARIA DO Ó

Oh!

ALFERES

Oh!

(Fazem todos o mesmo gesto, como havendo tido a mesma idéa

ASSUMPÇÃO *(muito confidencialmente)*

O Barros!

ALFERES *e* MARIA DO Ó *(confirmando)*

O Barros!

ASSUMPÇÃO

Ha um nada de tempo, falámos do sargento, ella

disse... *(A vér se póde recordar-se)*... que era um bello moço... que tinha lindos bigodes... que não havia para ella como militares... Sei lá! O que já não sei é se foi ella, se fui eu.

MARIA DO Ó

Perto ou certo foram as duas. A farda d'aquelle alma de cantaro quebrou-lhe os olhos!

ASSUMPÇÃO

Coitadinha!

MARIA DO Ó

Que dirá o senhor Rebello?

ASSUMPÇÃO

Coitado!

ALFERES

Algum latinorio: *Farda me fecit!* E que não se queixe; podia ser um joão-ninguem, um borra-botas, um perna-fina, é um sargento! A Nazareth não é mulher que desista.

MARIA DO Ó

Quem lhe ha de falar ao coração todo cheio d'aquelle estafermo? É minha sobrinha, creei-a como filha... Tenho pena do senhor Rebello, mas...

ALFERES

Nova e bonita! Mocidade e formosura ninguem

com sermões de latim encaixa n'uma espelunca. D'um lado um velho, d'outro uma rapariga, vou por ella.

MARIA DO Ó

Até póde algum peccado mais grave...

ALFERES

Tratemos de saber as disposições do Barros. *(Para a* Assumpção*)* É comtigo. Vaes quasi namoral-o por conta d'outra; é quasi a nossa aposta d'hontem. Lembras-te ?

ASSUMPÇÃO *(rindo)*

A nossa aposta!... O que seja para bem d'aquella santinha, sempre tão bôa para mim...!

ALFERES

Juizinho e olho aberto. Não quero o beijo, se perderes, e dou-te dois açoites. Que é do homem ?

ASSUMPÇÃO

Ahi passou de madrugada; disse que havia de voltar antes de acabarmos a folga.

ALFERES

Vamos a vér o geito que tens para tirar nabos da pucara. Esperamos-te ali. Cuidado.

ASSUMPÇÃO

Esteja descançadinho, senhor Alferes. Senhor

Sargento, vamos a vêr quem perde! *(Sóbe, rindo muito, levantando muito alto a gaiola do grillo que vae cantando)*

MARIA DO Ó

Ai...! Nunca me vi em taes assados! Amores fazem-me engulhos.

ASSUMPÇÃO

O Barros!

ALFERES *(para a* MARIA DO Ó*)*

Venha! *(Para a* ASSUMPÇÃO*)* Juizo!

MARIA DO Ó

Devagar, devagar, que estou mesmo derreada! *(Sáem pela esquerda baixa)*

SCENA VII

ASSUMPÇÃO *e* BARROS

ASSUMPÇÃO *(mettendo o grillo na algibeira)*

Ora viva! Já tardava!

BARROS

Olá! Estavas então á minha espera? Dormiste aqui a folga? Mal sabes o que estimo encontrar-te, pois tenho muito que dizer-te.

ASSUMPÇÃO

Tem graça! Tambem eu tenho que contar-lhe e muito a serio.

BARROS

Vamos a vêr o que são essas seriedades. *(Mexe-lhe no queixo)*

ASSUMPÇÃO *(com uma palmada forte)*

Tire!

BARROS *(sovrando na mão)*

Apre!

ASSUMPÇÃO *(rindo)*

Para saber como ellas mordem.

BARROS

Coisas tão serias e tu a rires!

ASSUMPÇÃO

Quanta vez ri a gente do que a faz chorar depois! Mas hoje é outra coisa, é serio, mas não mette tristezas. D'onde vem?

BARROS

Fui a Garvão e, de caminho, como passei pelas taes cerquinhas de que hontem falámos, entrei na do velhote e concertei com elle a venda. O que me faz descorçoar é o bocado de charneca; um pobretaina, como sou, arrotear aquillo tudo...!

ASSUMPÇÃO

Talvez cuide que precisa um exercito de familia. Faça moréas a meias. Uns trabalham com as unhas, outros de bola. Eu conheço as cerquinhas. Não ha dez dias, andei lá ás tubaras.

BARROS

Bello petisco! Com um franganito assado...

ASSUMPÇÃO

Queira perdoar; mas a morte da tubara é com ovos.

BARROS

Tambem entendes de cozinha?

ASSUMPÇÃO

Pois? Uma mulher que não sabe tudo vale menos que um homem que não sabe nada. Que eu não digo isto pelo senhor Barros. Custa muito ser sargento?

BARROS

Assim assim. Tomára já vêr-me alferes. Sempre é outra posição e outro descanço.

ASSUMPÇÃO

E tem senhoria, não tem?

BARROS

Olá! E outras honras. Por exemplo, as senhoras dos alferes teem dom.

ASSUMPÇÃO

Toma!

BARROS

Logo vou tratar do moinho.

ASSUMPÇÃO *(escutando)*

Começou agora a trabalhar. Escute... Não ouve? Lá na aldeia é que elle sôa com o vento da maré. Muito gostava de ter um moinho no meio das minhas herdades! Eu, de noite, acordada, e as cantarinhas a cantarem...! *(Imitando)* Tudo isto é seu...! V.ª Sr.ª é muito rica...! Senhora D. Assumpção...! Todos os dias é assim: pela manhã levante, á uma e meia gira o vento. Ora veja que horas são.

BARROS

Duas menos vinte.

ASSUMPÇÃO

Rica cebola! É de prata?

BARROS

Sahiu-me n'uma rifa.

ASSUMPÇÃO

Em tudo ha de ser fortunoso! Duas coisas que ficam bem a um homem são um relogio e umas botas.

BARROS

Vês estas? Dez mil réis me custaram.

ASSUMPÇÃO

Que as goze por muitos annos.

BARROS

Qual era a coisa que mais querias ter?

ASSUMPÇÃO

Uma muito séria, muito séria!

BARROS

A tal em que me vinhas falar?

ASSUMPÇÃO *(pasmada do esquecimento)*

É verdade!... Olhe, já...

BARROS

Dize a outra primeiro.

ASSUMPÇÃO *(commovida)*

Uma pedrinha no cemiterio em cima d'uma cova, que fosse minha, muito minha, só minha, que eu soubesse que muitos annos, muitos annos, depois da minha morte, muitos annos, ainda era minha. Uma pedra só, mais nada. E na pedra assim: Senhora D. Assumpção.

BARROS

Patetinha! Não tens isso e muito mais, porque não queres. Como vamos d'amores?

ASSUMPÇÃO

O meu noivo espero-o um dia, lá do cabo do mundo, das Indias do bacalháo.

BARROS

Não te vi, uma d'estas tardes a falar, a falar muito a sós...?

ASSUMPÇÃO

Com quem?

BARROS

Faze-te novas, minha pisa-mansinho!... Com o lavrador Simões.

ASSUMPÇÃO

Um caixa d'ossos!

BARROS

Gostas então d'homens gordos?

ASSUMPÇÃO

Muito gordos tambem não. *(Apontando para elle)* Assim. *(Querendo mudar de conversação)* Pois é verdade... *(Tirando o lenço ao* BARROS*)* Deixe vêr. Cheira a sabonete. Onde comprou isto?

BARROS

Em Odemira.

ASSUMPÇÃO

E muito caro?

BARROS

Carinho; que eu detesto coisas baratas. Cada frasco, assim pequenino, oito vintens.

ASSUMPÇÃO *(dando-lhe o lenço)*

O Alferes diz que os homens, se cheiram bem, é porque cheiram mal.

BARROS *(rindo)*

E se cheiram mal, é porque cheiram bem.

ASSUMPÇÃO

Não é verdade, pois não?

BARROS

O Alferes não sabe nada, não tem visto nada. Aqui ninguem sabe nada. Não sabem viver, não... Esta gente da aldeia é impossivel! Quando vão a Lisbôa, apeiam-se lá n'umas estalagens... Eu cá fui logo para uma das melhores casas d'hospedes, na rua da Padaria, 129, 3.º Pois?

ASSUMPÇÃO

Já se deixa vêr, aquellas viscondessas e conselheiras, todas chibantes, quando vinham lá dos seus mattinhos...

BARROS

Todas não. Bem vês que lá ha muitos sargentos.

ASSUMPÇÃO *(rindo)*

Forte tolo!

BARROS

E um homem nem sempre está de maré. Mas não

vás cuidar que são coisas do arco da velha. O caso é conhecer os pontos d'aquellas guitarras; no mais é como aqui. Ás vezes um só tregeitar d'olhos diz-me tudo.

ASSUMPÇÃO *(troçando-o)*

Outras vezes nada.

BARROS *(rindo)*

Outras vezes alguma coisa.

ASSUMPÇÃO

E' como o céo pedrento: chuva, vento... ou qualquer outro tempo. *(Querendo outra vez mudar de conversação)* Pois, como ainda agora ia dizendo...

BARROS *(olhando para ella muito fito)*

Tu, por exemplo, esse modo que tens de olhar... *(Avança)*

ASSUMPÇÃO *(espantada, recuando)*

Que é lá isso?

BARROS

Tens medo? *(Olhando em volta)* Não vejo ninguem. É a primeira vez que te encontro só. Se vieres no que vou pedir-te, hei de querer-te mais que á luz dos meus olhos! *(Pegando-lhe nas mãos)* Assumpção!

ASSUMPÇÃO *(soltando-se)*

Deixe-me!

BARROS

Não te faças tola! Pois não vejo perfeitamente...

ASSUMPÇÃO *(ameaçadora)*

Máo...!

BARROS

Estou doido!... Pede-me o que tu quizeres!

ASSUMPÇÃO *(ameaçando-o com a gaiola)*

Eu atiro-lhe com o grillo á cara!

BARROS

Mas se eu gosto de ti!

ASSUMPÇÃO

E' mentira! Vá para essas que lhe ouvem as cantigas! A mim ainda ninguem me tocou, percebe? Se gostasse de mim, não me dizia que lhe pedisse o que eu quizesse. Se gostasse... não me fazia chorar!

BARROS *(arrependido)*

Assumpção...!

ASSUMPÇÃO

Mereci-lh'o?... Diga, responda!

BARROS

Mas eu juro-te...

ASSUMPÇÃO

Porque me ha de querer enganar? Já sei o que

vinha saber. Porque uma pobresinha não tem quem olhe por ella... E' bem de vêr que não fazia o mesmo á outra de quem gosta e que deve ser essa de quem queria falar-lhe.

BARROS

Tu vinhas...

ASSUMPÇÃO

Vinha. E bem repesa estou!

BARROS

A aposta d'hontem!... Perdeste-a!

ASSUMPÇÃO *(cahindo em si)*

Nossa Senhora me acuda!

BARROS

Deves dois beijos aos velhos!... Adeus, Assumpção. Talvez logo saibas... mais do que vinhas saber.

(A Assumpção *fica a soluçar. O* Barros *sae a rir)*

SCENA VIII

ASSUMPÇÃO, ALFERES *e* MARIA DO Ó

ALFERES *(entrando, depois de espreitar)*

E então ?

ASSUMPÇÃO *(limpando os olhos)*

Gosta da Nazareth.

ALFERES

Disse-t'o elle ?

ASSUMPÇÃO

Não disse ; mas não foi preciso.

MARIA DO Ó

Então como...? Porque estás tu a fazer beicinho ?

ASSUMPÇÃO

E' que este senhor Barros cuidou que eu era como as taes perliquitetas da rua da Padaria !

MARIA DO Ó

Metteu-se comtigo ?

ASSUMPÇÃO

E um homem, se gosta deveras d'uma mulher, não se mette com ella. Por isso digo que gosta da outra.

MARIA DO Ó

Que prenda! Muitas graças dou a Deus, que me deixa repicar em salvo! Até hoje...

ALFERES

E, d'hoje em diante, descançadinha. *(Para a* Assumpção*)*. Conta.

ASSUMPÇÃO

Quando lhe disse o que tinha na certeza, pôz-se a rir, a fazer mofa sei lá de quê...! E, quando se foi, disse assim: — «Talvez logo saibas mais do que vinhas saber!»

ALFERES

Démos no vinte!

MARIA DO Ó

N'um triste vinte!

ALFERES

Mulher nova...! O sangue a ferver-lhe...! E' claro! O primeiro que lhe apparece... Ah! viuvinha, viuvinha!... E é que se lhe não vamos á mão, temos asneira graúda. Linda, forte, com a seiva dos vinte annos... O negocio é bicudo, mas viuvinha não ha de ella estoirar. *(Rindo)*. O diabo do Barros tem dedo!

MARIA DO Ó

Coitadinha!

ALFERES

Que uma mulher d'aquellas, se a afastam do homem a quem quer... sei lá!

ASSUMPÇÃO

E' capaz de morrer!

MARIA DO Ó *(assustada)*

Rica filha!... Coisa mais desarrazoada!

ALFERES

E' não fazermos do caso bicha de sete cabeças. O Rebello ha de convencer-se.

ASSUMPÇÃO

Se ella gosta d'elle... E gosta. Quem não ha d...? Coitadinha! Tão bôa foi sempre para mim!... O que não ha de padecer!... Parece que estala tudo cá dentro!

MARIA DO Ó

Ai, que seculo! que seculo!... Com dezoito annos o que ellas já sabem!

ALFERES

O diabo é que não sou homem de rodeios. Não sei amanhar estas coisas senão á bruta. Deixal-o. Chega ahi e digo-lh'o barba a barba, que o deixo de cara á banda! O ponto é zangar-me e perder a tra-

montana! Alguma me ha de dizer que não me quadre, palavra puxa palavra, zaz!

MARIA DO Ó

Diga, diga!

ALFERES

Tu vaes-te, Assumpção. Limpa os olhos, que diabo! Andará ahi pontinha de ciumes?

ASSUMPÇÃO *(protestando)*

Credo!

ALFERES

Quem me déra vêl-o focinhudo, de ventas a fumegarem! Vocemecê acirra nos.

MARIA DO Ó

Toque-lhe na religião, senhor Alferes, toque-lhe na religião!

ALFERES *(procurando exaltar-se)*

Agora é que vae vêr de que lhe serviu cegar nos cartapacios. Tanto leu que tresleu. A pequena a engunhar-se como um figo ao sol e elle a dar-lhe latim! *(Naturalmente)*. Que isto de homem querer zangar-se á força... Acirre-nos, senhora Maria do Ó, acirre-nos!... Se me larga uma das do costume, é á primeira, metto-lhe a falla no buxo!... Ahi vem elle. Vae á vida, Assumpção, e obrigado.

ASSUMPÇÃO *(sahindo)*

Não ha de quê. Até logo.

MARIA DO Ó

Seja pelas cinco chagas!... Cá estou com o herege!

SCENA IX

ALFERES, MARIA DO Ó *e* REBELLO

REBELLO *(á porta do cemiterio)*

O ar que se respira n'um cemiterio enche as almas de paz. No muito soffrer ha uma consolação que é força seja sobrenatural.

ALFERES *(baixo á* MARIA DO Ó)

Vae vêr.

REBELLO *(descendo)*

Na obra de Deus, na propria morte, considera sempre em Deus!

MARIA DO Ó *(baixo ao* ALFERES)

Vá!

ALFERES

Lá vem com as suas! *(Fazendo-se zangado)*. Arre que tambem!

REBELLO *(espantado, mas sereno)*

Você é homem de máos figados! Que mal lhe fiz? Parece que me quer trincar os meus!

ALFERES

Quem leva a primeira não fica sem ella. Já lhe sei do costume...!

REBELLO

Falava-lhe da tranquillidade do meu espirito.

ALFERES

O tal sestro de algaraviar disparates.

REBELLO

Disparates!... Você bebeu?

ALFERES

Se... quê?

MARIA DO Ó *(baixo ao ALFERES)*

Agora! agora!

REBELLO

Pedi a Deus misericordia, louvei-me na sua vontade, e achei a quietação para o sobresalto, a paciencia nas minhas dôres

ALFERES

Podemo-nos assoar; vae principiar o sermão. Depois aqui d'el-rei, se, um dia, eu lhe abrir os olhos!

REBELLO

Abra, meu amigo; não me despeço do favor. Estou velho, é possivel...

ALFERES

Tenho o mesmo rebanho d'annos, nem por isso dei em tonto!

REBELLO

Quer todos amoldados ao seu genio rabujento!...

ALFERES

Quero que tenha juizo.

REBELLO *(sorrindo)*

Não será tarde? N'um só meus pensamentos se resumem, d'elle vivo.

ALFERES *(para* MARIA DO Ó)

Quer vêr? Não tarda o latinorio.

REBELLO

Tanto que pela manhã acordo, no decurso do dia, á noite, quando fecho os olhos cançados, é sempre egual o meu desvélo! Vou fazer-lhe a vontade, Alferes, que, dormindo, *ego dormio et cor meum vigilat!*

ALFERES

Muito gostava de saber que padre inventou o absurdo!

REBELLO *(arriziado)*

Oh! Alferes!... Olhe que eu esmago-o com a auctoridade!

ALFERES

Esmaga!... Não querem vêr?... E eu chapuzo-o no charco!

REBELLO *(zangado)*

Alferes!... Alferes!

ALFERES

A padralhada a impor-se! Os corvos a... não sei quê... as azas!

MARIA DO Ó *(baixo ao* ALFERES)

Esse é que é o caminho! Força!

ALFERES

Diga!... Desembuxe!

REBELLO *(serenando)*

Póde você á vontade fazer pennacho das suas heresias. Agora mesmo d'ali venho, hoje não me zango. D'antes, nos primeiros tempos de turbação, andava-me o espirito a vaguear sem norte. Temeroso, rechassava da memoria a imagem que me perseguia. Loucuras! O norte era ainda e sempre o meu querido filho! Escute, Alferes, você que é pae. Sabe o que é a alegria d'um coração, um pensamento constante, o unico fim de toda uma vida: um pedacinho

de carne a que deu vida o amor! Aquelle nada é tudo para um pae! Quem não é pae não sabe o que é o amor... Nasceu,... rasgou-se o véo d'um horizonte cheio ve luz!

ALFERES

Davam as doze badaladas da meia noite, e eu, todo encandeado, a olhar para o indez e a imaginar que era meio dia!

REBELLO

Muito lhes deve a gente! Lembra-se? Os dois viuvos para ahi nos acantoámos; tinhamos o nosso pé de meia, comprámos as casas, os jardimsitos; entretinhamo-nos a ralhar, caturrar..

ALFERES

Os dois pequeninos a rirem de nós, a brincarem juntos, a crescerem...

REBELLO

Sempre em diabruras...!

ALFERES

Tocava o meu toda a manhã tambor n'uma lata e eu n'um somno chumbado!

REBELLO

Até dá sonhos bons a chilreada!

MARIA DO Ó

Fosse commigo...! Eram logo dois açoites...! *(Baixo ao* ALFERES) Vá, homem!

ALFERES

Vá o quê?... Sabe lá nada!... O meu, ás vezes, chorava, perneava, embirrava, e eu queria castigal-o?... mas quê? Agarrava-o aqui no braço, ficava-me o nariz mesmo em cima dos canuditos loiros... Se vocemecê um dia tiver filhos, verá. Cheire-lhes a moleirinha,... cheira á gente!

REBELLO

O que nós ambos sonhavamos! Vida... futuro...! A madrugada é côr de rosa e vêl-os.. Lembra-se, Alferes?

ALFERES *(para a* MARIA DO Ó)

Que diabo, está vocemecê a bater-me no cotovelo? *(Para o* REBELLO) Era vêr a madrugada!

REBELLO

Que saudades não teria você, se o filho se lhe fosse embora?... Para ahi sósinho...

ALFERES

Rebentava!

REBELLO

Um dia inteiro a tiritar com frio!... Cada passo

a lembrar-lhe quem foi luz, alegria, vida, e está longe longe...

ALFERES

Só de pensal-o se me aperta o coração!

REBELLO

O meu filho morreu. Está longe, longe, longe...

ALFERES *(muito commovido)*

Oh! Rebello!

REBELLO

E eu chamo-o, chamo-o...! Um dia que não venha ao meu chamado, vou ter com elle. A quietação em que vivo elle m'a trouxe... Mas queria vêl-o, beijal-o, como d'antes!... Como você é feliz, Alferes! A minha vida está presa á morte, a sua está presa á vida!... Que bello moço o João da Alegria!... E pensar que o meu...

ALFERES

Deus o quiz. Tão valente e cheio de mocidade...!

REBELLO

O seu João tem uma das melhores partes do quinhão da minh'alma que ainda pertence á terra. Tão lhano! Vê-se-lhe o coração nos olhos á flor do rosto! Generoso, esforçado, é um sobreiro!

ALFERES

Passava o seu Manuel, iam-se os olhos de todos atraz d'elle! O que d'elle se contava ia crescendo de bocca em bocca, e em todas as boccas eram tudo elogios!

REBELLO

Rosto prazenteiro, alma lavada! Quando o vejo, parece-me que tudo se illumina! E' dentro em mim uma festa! Aquelles olhos entornam alegria! *(Rindo, contente)* E' um mocetão ás direitas! Ah! Ah! Ah!

ALFERES

E assim aquella alegria de nós todos... Deus chamou-a a si! *(Limpando os olhos)* Estala o coração...!

REBELLO

Deus lhe conserve o filho por muitos annos, muitos annos.

ALFERES

Obrigado, meu velho.

REBELLO

Nunca lhe dê, Alferes, os tormentos horrorosos que hei padecido!

ALFERES

Meu pobre Rebello!

REBELLO

Entre ali e reze uma Ave-Maria ao Manuel, que

interceda junto do Senhor para que o livre do mal com que sua mão justiceira me fulminou. Deixei lá a Nazareth um instante só com elle. Coitada! talvez tivesse que contar-lhe. Vá tambem, senhora Maria do Ó. Diga-lhe que a espero.

ALFERES

Venha.

MARIA DO Ó *(baixo ao* ALFERES *e ainda limpando os olhos)*

Agora é que estamos aviados!

ALFERES

Não pude. Não quero. Era matal-o. Nunca em tal lhe hei de falar. Juro! *(Tira o bonnet e entra com a* MARIA DO Ó *no cemiterio)*

SCENA X

REBELLO E ASSUMPÇÃO

ASSUMPÇÃO

Estão a desabar as duas. Venho em cata do chapéo e do taleigo.

REBELLO

Mal assombrada me pareces! Anda cá. Um véo de tristeza no teu rosto! Lagrimas a aguarem-te os

olhos! Morderam-te na pelle ou...? Fala, responde, move-me essa voz, mulher!

ASSUMPÇÃO

Não foi nada,

REBELLO

Coisa de nonada deve ter sido. Fazerem chorar a minha Assumpção...! Quem te espicaçou, que lhe dou uma escovadéla mestra? Conta-me. Que desatino é esse?

ASSUMPÇÃO

E' uma mulher ser como deve ser e ouvir o que não deve ouvir.

REBELLO

Ser como deve ser, eis o caso; mas olha que todos se enganam. *(Observando-a)* Tu não me queres dizer a verdade toda. Anda ahi obra de amores.

ASSUMPÇÃO *(vivamente)*

Não.

REBELLO

Mentes! Estás toda córada da mentira! Acautela-te de finezas abemoladas em que a bocca não faz jogo. Se ainda é tempo, faze pé atraz no descaminho. Ouvi-te ainda agora conversando.

ASSUMPÇÃO

Com quem?

REBELLO

Quem esteve ahi ?

ASSUMPÇÃO

O senhor Alferes, a senhora Maria do Ó, a senhora Nazareth...

REBELLO

Adiante.

ASSUMPÇÃO

E o senhor João da Alegria.

REBELLO

Mais ninguem ?

ASSUMPÇÃO

Ah! é verdade!... Esteve tamhem o senhor Barros.

REBELLO

Ora ahi está quem com chave feitiça se introduziu no teu coração! Um sargentão de pechisbeque, que mais não sabe que tocar guitarra, pisca-te o olho, bichana-te ao ouvido a estafada cantiga redobre e trinada em que todas cáem, e lá se alvorota a tua quietação, lá vaes de foz em fóra pelos mares da fantasia! Não vês que são tretas com que pretendem engulosinar teus máos instinctos, acariciar as sobegidões da tua vaidade? Quer elle casar comtigo?

ASSUMPÇÃO

Não, com certeza.

REBELLO

O interesse é diabo, dizia o povo quando não falava ao moderno, e o sargento bem sabe quanto o diabo do interesse seduz uma mulher pobre.

ASSUMPÇÃO *(afflicta)*

Padrinho!

REBELLO

E rias tão contente! Foge, moça, antes que elle te derranque a alma!

ASSUMPÇÃO

Não sei o que diz, padrinho!

REBELLO

E' a tua carne a brotar peccados! Da requesta acceite com o risinho dos labios vae um passo ao contubernio escandaloso! Que não tinhas siso commum, já sabia; mas julgava-te pura de tamanhas corrupções!... Não! não!... Habita o peccado em teu peito e um dia has de cahir no lodaçal. *(Vendo entrar a* NAZARETH *e a* MARIA DO Ó, *muda completamente de expressão e tom de voz).* Vem, vem, ó minha Nazareth! Encosta ao meu o teu peito, onde o coração bate cheio de paz, sem remorsos, sem inquietações de coisas da terra! *(Para a* ASSUMPÇÃO*).* Que a minha filha, te seja exemplo. *(Sahindo com a* NAZARETH*).* A paz do Senhor seja sempre comnosco. Tu és a minha filha, a minha alegria, o esteio da minha vida.

(A Assumpção *fica chorando. O grillo começa a cantar. Ella senta-se no chão e abre a gaiola).*

SCENA XI

ASSUMPÇÃO *e* JOÃO DA ALEGRIA

JOÃO DA ALEGRIA

Já sahiram do cemiterio?

ASSUMPÇÃO

Mesmo agora.

JOÃO DA ALEGRIA

Que fazes ahi?

ASSUMPÇÃO

Estou a scismar na tristeza de quem vive só, longe de quem gosta. Vou soltar o grillo, que vá ter com a grilla.

JOÃO DA ALEGRIA

Sahiram agora mesmo?

ASSUMPÇÃO

Não vão a trinta passos. O que eu ouvi áquelle homem e a conter-me!... Ella, ella é que gosta d'elle!

JOÃO DA ALEGRIA

De quem fallas ?

ASSUMPÇÃO

Assim como assim, tudo vae saber-se...! E se o velho diz á filha que eu me fiz tola...! Não sei como não estoirei !

JOÃO DA ALEGRIA *(zangado)*

Mas explica-te !

ASSUMPÇÃO

Tambem o senhor...! Que teem hoje todos commigo ? Ahi vem o seu pae. Pergunte-lhe se é verdade ou não. Vou para o trabalho. *(Fallando ao grillo)*. Anda, diabo, vae ter com ella ! *(Para o* JOÃO DA ALEGRIA*)*. Pergunte-lhe e verá. O Barros gosta da Rebellinha e a Rebellinha gosta do Barros. Aquelle velho...! O que eu lhe ouvi... e a conter-me...! *(Põe o chapéo, pega no sacho e no taleigo e sae, chorosa, mas cantando)*.

Senhora Santa Luzia,
Lavada do vento norte,
Quem n'ella tem seus amores
Não póde ter melhor sorte.

SCENA XII

JOAO DA ALEGRIA *e* ALFERES

JOÃO DA ALEGRIA

Ouviu, meu pae, o que ella disse ?

ALFERES

O quê ?

JOÃO DA ALEGRIA

Que o Barros gosta da Nazareth.

ALFERES

Creio que sim.

JOÃO DA ALEGRIA

Que a Nazareth gosta do Barros.

ALFERES

E' certo.

JOÃO DA ALEGRIA

E' falso !... Ou mentiu-me, illudiu-me com a maior das crueldades ! Aqui, ha meia hora, se tanto, a vi, convulsa, corresponder ao meu doido affecto !

ALFERES

Cala o teu ciume! o engano foi nosso e nosso vae ser o martyrio! Eras tu então!

JOÃO DA ALEGRIA

Eu, sim, que a adoro!

ALFERES

Filho! Filho!... E' preciso que a esqueças!

JOÃO DA ALEGRIA

E' a minha vida!

ALFERES

Era a morte do velho!

JOÃO DA ALEGRIA

A minha vida e a d'ella. Nada me diga, meu pae; não poderá demover-me da tenção já feita.

ALFERES

Ah! não saber que eras tu! Mas como deixaste assim envenenar-se o teu coração?

JOÃO DA ALEGRIA

O meu amor é legitimo. Luctei quanto pude e já não posso mais. Quiz largo tempo suster na garganta palavras que me afogavam. Falaram-lhe os meus olhos, responderam-me os seus.

ALFERES

Não se morre d'amores.

JOÃO DA ALEGRIA

Quem lh'o disse, meu pae? Peço-lhe, falle ao Rebello. Ha de convencer-se, vêr que é triste morrermos, quando a vida mal começa a despontar-nos. Ha de ouvil-o, elle, que é santo, ha de ser por nós! Não me queira morto, meu pae!

ALFERES

Filho! não me fales assim! E' que tu não sabes... Se te eu fizesse o que me pedes, diriam todos, por vergonha minha, que eu não sabia o que é o amor d'um pae!... Jurei! Jurei!... O que vim eu fazer?... Não! não!... Jurei; não casarás!... Mas não me digas que morres, ó meu filho! não digas, não digas!... Meu filho! Meu filho!... Ai, pobre Rebello sem filho!... Não digas!... Não digas!

ACTO TERCEIRO

A SCENA

Em casa do Rebello.
O relogio marca seis horas e meia.

SCENA PRIMEIRA

MARIA DO Ó *e* NAZARETH

MARIA DO Ó

Tantos dias, eu a moirejar na casa, tu de mãos a abanar, como se eu podesse com o serviço todo! Tantas noites, eu a turrar com somno, estafadinha, tu d'olhos esbogalhados, como quem não faz senão scismar! Mas quem adivinhava...! Quando m'o disseste, fiquei, guarde-me Deus, sem pinga de sangue, e olha que ainda não estou em mim!

NAZARETH

A minha scisma é esta : hão de as viuvas conformar-se com a sorte, se, melhor que as solteiras, sabem...

MARIA DO Ó

Veiu-te a paixão assim de repente, como podia dar-te uma coisa !

NAZARETH

Era uma saudade.

MARIA DO Ó

Do outro ?

NAZARETH

Talvez. Depois não sei. Era um vasio, uma falta,... não sei explicar... era uma saudade tambem. E, quando as outras falavam de amores... era uma inveja !

MARIA DO Ó

Que d'ella as outras se mordessem...! Agora tu !

NAZARETH

Que teem ellas que invejar-me ?

MARIA DO Ó

O teu socego. Achas pouco ? E depois ?

NAZARETH

Algum havia de ser, foi aquelle. Comecei a pensar

sem querer, a sonhar... Sonhei com elle uma noite, acordei, e desde essa manhã... Ah! tia, se soubesse como lhe quero!

MARIA DO Ó

Ih! Jesus!... Ih! Jesus!... Tinhas-me pedido que nada dissesse, mas... Descança; não fui pela aldeia badalar a tua maluqueira. Alguem havia de falar ao senhor Rebello e por isso fui ter com o Alferes.

NAZARETH

Com...? E disse-lhe...?

MARIA DO Ó

Tim-tim por tim-tim o que me contaste. O mais não foi obra adivinhal-o.

NAZARETH

E elle?

MARIA DO Ó

Pôz-se ao nosso lado, pudéra! Mas onde me apertava o sapato, ahi o caldo se entornou.

NAZARETH

Contaram a meu pae...?

MARIA DO Ó

Tola!... Não viste o paz d'alma?

NAZARETH

Este susto em que eu ando...! Parece que é algum grande peccado...!

MARIA DO Ó

Tudo ia em bom caminho; mas, a folhas tantas, o senhor Rebello começa a dizer bem do João da Alegria, o Alferes, já de beiço a tremer, põe-se a falar no teu Manuel, abraços, lagrimas... Entrou no cemiterio a fazer juras que não se mettia na dança! E eu tambem sentia cá dentro um bichinho a moer-me. Vêr casar a viuva d'um filho, rapaz, oiro de lei, que, sem favor nenhum, sahia ao senhor seu pae... Que lá bom...

NAZARETH

Meu pae? E' um santo. E meu amigo... Antes o não fosse!... Que desgraça a minha! N'esta casa não se respira! Parece-me sempre que tudo está ás escuras, que tenho uma mó em cima do peito!... Se elle, ao menos, visse, percebesse...

MARIA DO Ó

E' a muita amizade que o cega. Julga-te uma santa.. !

NAZARETH

Gosto d'um homem!... E' caso para confessar na desobriga?

MARIA DO Ó

O que foste idear para me espantar o somno!

NAZARETH

Hei de casar.

MARIA DO Ó

Não fazes um sacrificiosinho!

NAZARETH

Diga-me se sabe de mulher, que, pela amizade de quem quer que fosse, tenha feito um tal, como diz a tia, sacrificiosinho. Não quero morrer. Não quero levar para a eternidade este anceio peor que fome e sêde. Mostre-me Deus o mesmo caso n'outra mulher, que faça o que eu não posso e talvez n'elle encontre forças. Mas essa mulher não ha, d'esses casos ninguem sabe.

MARIA DO Ó

Seja feita a vontade do Senhor!

SCENA II

AS MESMAS *e* ASSUMPÇAO

ASSUMPÇÃO *(á porta, acanhada)*

O padrinho Rebello não está ?

MARIA DO Ó

Foi para o quarto da Nazareth. Gosta de rezar o terço sentado á janella que olha para esse lado. Coisa mais triste...! Que lhe queres ?

ASSUMPÇÃO

Nada d'elle.

MARIA DO Ó

Vens com um nariz de palmo e meio!

ASSUMPÇÃO

Não lhes falou de mim ?

NAZARETH

Não. Que tens tu ?

ASSUMPÇÃO

Pois o que lhes contar é mentira... *(Emendando)* idéas d'elle. Não tenho culpa. Todos sabem o que

devo á senhora. Já, em pequenina, quando brincava commigo, era a melhor de todas Se ha um bocadinho de trabalho, nunca me faltou o bocadinho de pão nas suas herdades. *(Para a* MARIA DO Ó) Este lenço foi ella quem m'o deu, a chita do vestido ella, os sapatos ella. Por isso gosto mais d'ella que d'elle. Vocemecê bem sabe.

NAZARETH

Mas que te disse meu pae ?

ASSUMPÇÃO

Nada. Cuida talvez que me esqueci d'isto tudo !.. Por isso ando tão apaixonada !

MARIA DO Ó

Mas não lhe foste contar...

ASSUMPÇÃO

Atrevia-me lá !... Tinha sido bem feito; calava-lhe a bocca ! *(Vendo o* REBELLO *á porta)* O senhor Rebello !

SCENA III

AS MESMAS *e* REBELLO

REBELLO *(á porta da direita)*

Olá! Tu por aqui!... Pareces-me assim enleada...! Pelos modos, não gostaste de me avistar.

ASSUMPÇÃO

O padrinho engana-se; dá-me sempre alegria vêl-o. Mas queria dizer a estas senhoras o que passou ainda agora e...

REBELLO

E quê?

ASSUMPÇÃO

E desmentil-o.

REBELLO

Que feia palavra!

ASSUMPÇÃO

Queira perdoar. Digo as coisas como sei; não as aprendi lindas como essas dos seus livros.

REBELLO

Vinhas, repesa do teu errosinho... Ora bem,

Assumpção, bem. Foi o bichinho da consciencia que...

ASSUMPÇÃO

O bichinho não tem que vêr commigo, graças a Deus.

REBELLO

Cáspité! Como falas de cadeira!

ASSUMPÇÃO

O que eu disse áquelle senhor podia toda a gente ouvil-o.

REBELLO

E porque havias de ir ter com elle?

ASSUMPÇÃO *(atrapalhada)*

Para...

NAZARETH

Porque a afflige, meu pae?

MARIA DO Ó

Entrou aqui toda chorosa!

REBELLO *(para a* NAZARETH)

Quero mostrar-lhe o precipicio. Mas talvez esteja pura de más intenções, talvez. *(Para a* ASSUMPÇÃO) Desculpa. E' que elles veem caminhando mansinho como as feras no matto e sabem fascinar como sapos as doninhas. Levam as tristes á deshonra, peor que

a morte, começando pelo juramento d'uma amizade purissima.

ASSUMPÇÃO *(sorrindo)*

Tambem conheço as vaccas loiras, que não são vaccas nem loiras.

REBELLO

Não valia a pena acannaveares-te assim, nem eu quiz maguar-te. Queria-te menos azougada, mais commedida nos modos e palavras. A's vezes, as que mais se gabam de discretas não passam de cabecinhas d'alho. Não é assim, Nazareth ?

NAZARETH

Meu pae ?

REBELLO

Valha-me Deus ! Valha-te Deus ! Por onde anda esse teu pensamentosinho ? Nunca está onde estás !

NAZARETH

Escutava, meu pae, o que dizia da Assumpção.

REBELLO

Tonta ! *(Abraça-a)* Mas d'onde a mim tanto bem senão do alvo do teu pensamento, do fito para que batem constantemente as azas do teu coração desprendidas da terra ? Em ti, com todas as veras t'o affirmo, em ti descanço. *(Obrigando-a a levantar a cabeça)* Sempre tristinha !... Socega, filha. D'hora a hora

Deus melhora e a nossa muito bôa ha de chegar. *(Para a* Assumpção) Ouve aqui, serigaita. Pondera o que te eu disse e guarda a pureza do teu coração, summa de todos os bens.

ASSUMPÇÃO

Quem rosne contra mim não diz verdade.

REBELLO

Presumes de atilada e nimiamente virtuosa; vê não te engane a soberba. E's feita do barro commum; quem diz mulher, diz barro, quer dizer fragilidade. Ora Deus te depare um bom marido concertado na vida, azado para o trabalho... e não falemos mais n'isto, se te pesa.

SCENA IV

OS MESMOS *e* BARROS

BARROS

Dá licença, senhor Rebello?

ASSUMPÇÃO *(baixo á* MARIA DO Ó)

Elle!

REBELLO

Entre, meu sargento.

MARIA DO Ó *(baixo á* ASSUMPÇÃO)

Santa Luzia nos acuda!

BARROS *(cumprimentando a* NAZARETH)

Minha senhora! *(Fazendo um pequeno gesto para as outras)* Senhora Maria do Ó... Assumpção... *(Vae apertar a mão do* REBELLO)

NAZARETH *(baixo á* MARIA DO Ó)

Que é isso, minha tia?

MARIA DO Ó

Ainda o perguntas!

REBELLO

O que o traz por esta sua casa?

BARROS

Um gravissimo negocio para que preciso do seu conselho.

REBELLO

Alguma nova compra?

BARROS

O caso é outro agora e de muito mais alta importancia: um passo do qual depende a bôa ou má sorte da minha vida.

REBELLO

Deseja falar a sós commigo?

BARROS *(depois de um momento de hesitação)*

Não. Ninguem vejo que seja demais. *(Para a Nazareth)*. Preciso até do seu parecer.

REBELLO

Queira sentar-se.

(O BARROS *vae buscar uma cadeira. Sorri-se para a* ASSUMPÇÃO, *que aperta convulsamente o braço da* MARIA DO Ó. *As duas formam grupo á um lado e um pouco atraz).*

MARIA DO Ó *(baixo á* ASSUMPÇÃO)

Vamos rezar. Eu digo baixinho o Padre-Nosso e a Ave-Maria, tu respondes.

ASSUMPÇÃO

Respondo. Reze, reze.

(Durante o dialogo do REBELLO *e* BARROS, *a* MARIA DO Ó *e a* ASSUMPÇÃO *rezam baixinho. A* NAZARETH *está em pé, junto da cadeira do* REBELLO *e o* BARROS *sentado do outro lado da mesa).*

REBELLO

A's suas ordens.

BARROS *(cumprimentando)*

Senhor Rebello e minhas senhoras. Estou batendo nos trinta, brevemente sáio alferes e preciso cuidar do meu futuro. Começo a enjoar a vida airada que levo ha muito, desde que pela primeira vez me tentaram os olhos bonitos das mulheres. Queiram desculpar, mas, francamente, minhas senhoras e senhor

Rebello, não tenho sido dos mais infelizes. Estes amores do acaso não deixam cicatrizes fundas, mas, ao fim de certo tempo, cançam e aborrecem um homem. Afinal o que lucrei ? Absolutamente nada.

REBELLO

Arvore plantada em ruim terra não dá fructos.

BARROS

Tirou-me a sentença da bocca. Isto posto, ninguem me leve a mal insignificantes leviandades, uma certa queda para a estroinice, pequeninos escandalos que correm exaggerados por toda essa provincia e até por outras, ainda que eu pelo norte demorei-me quinze dias apenas.

REBELLO

Adiante.

BARROS

Guitarradas, noitadas, más companhias...

REBELLO

Sabemos. Cada um dança, segundo os amigos que tem na sala.

BARROS

Veiu muito a pello o anexim. Ora... preciso assentar. Tendo resolvido comprar ahi uns palmitos de terra e um moinho, *(para a* Assumpção*)* negocio já realisado, achei-me em frente do seguinte espinhoso

problema: Quem me tomará conta da propriedade, quando os deveres do meu cargo me affastarem da aldeia?

REBELLO

Procura, portanto, um socio.

BARROS

Não exactamente.

REBELLO

Um feitor? Acho demais para coisa tão pouca.

BARROS

Decerto. E entretanto mais desejo. Busco uma pessoa dedicada, fiel, minha amiga, que pelo meu se interesse como pelo seu proprio.

REBELLO

Tal joia não ha na terra.

BARROS

Desculpe, mas creio tel-a achado, senhor Rebello.

REBELLO

Um homem?

BARROS

Queira perdoar; uma mulher.

MARIA DO Ó *(baixo á* ASSUMPÇÃO)

Agora! agora! *(Muito afflicta, com muita pressa)* *Gloria Patri et Filio et Spiritui Sancto!*

ASSUMPÇÃO

Sicut erat... *(Engrola o resto, muito nervosa).*

REBELLO *(sorrindo e meneando a cabeça)*

Comprehendo.

BARROS

N'esta aldeia um feliz acaso m'a deparou. Não é meu novo amor da laia dos outros.

MARIA DO Ó *(baixo á* ASSUMPÇÃO)

Mostrengo!

REBELLO

O acaso?... Deus talvez. E' o primeiro arraiar do sol.

BARROS *(para a* NAZARETH)

Quero a sua opinião, minha senhora.

NAZARETH

Conte com a minha franqueza.

MARIA DO Ó *(baixo)*

Que descôco.

ASSUMPÇÃO *(para a* MARIA DO Ó)

E o padrinho que mal sonha...!

BARROS

Pela primeira vez na minha vida, muito sinceramente o digo, minha senhora, sinto-me devéras apaixonado. Eu, que tratava de amores a espalitar os dentes, extranho-me, tenho alvoroçado o coração! Diga-me que essa mulher é tal como a imagino, asisada, honesta, fiel, trabalhadeira, e é d'ella a minha vida e sou o mais feliz dos homens!

MARIA DO Ó *(baixo)*

Não quer pouco o maganão!

REBELLO

Conhecemol-a pois.

BARROS

Como ninguem mais. Creio que me compete dirigir-lhe o meu pedido.

REBELLO

A mim?

ASSUMPÇÃO *(baixo para a* MARIA DO Ó*)*

Ampare-me!

MARIA DO Ó

O quê...! Se me não podem as pernas commigo...!

BARROS *(de pé)*

Desejo que essa mulher seja minha esposa, entrego-lhe a minha vida!

REBELLO

Resta saber se ella corresponde ao seu affecto.

BARROS

Isso todas!... Queiram desculpar. Corresponde, tenho provas. Não é verdade, Assumpção?

ASSUMPÇÃO *(tremula)*

Que diz!... Pois hei de contar...!

NAZARETH

Fala.

ASSUMPÇÃO

Quer que eu fale...!

REBELLO *(sorrindo)*

Approxima-te, Assumpção. Responde.

BARROS

E' de ti que eu gosto. Queres ser minha mulher?

ASSUMPÇÃO

Se...! *(Cambaleando)* O' Pae do céo, valei-me!

NAZARETH

Que tens?

MARIA DO Ó *(amparando-a)*

Nossa Senhora...!

REBELLO

Deus protegeu-te! Bem t'o dizia, suas graças não haviam de faltar-te!

BARROS

Responde. Queres?

ASSUMPÇÃO

Senhor Barros,... não quero!

REBELLO

Estás doida!

NAZARETH

Assumpção!

ASSUMPÇÃO

Não quero. O senhor Barros enganou-se. Eu não lhe disse nada, nunca lhe mostrei que andasse mortinha por elle. Tanta moça, tanta senhora na aldeia... alguma ha de haver que valha mais que uma pobresinha. Não quero casar. Agradeço-lhe, senhor Barros, mas não quero.

REBELLO

Está doida! Mentiu; dou a minha palavra d'honra!

BARROS

Será castigo de Deus, a primeira vez que gosto devéras d'uma mulher? Pois assim me havia de enganar?

MARIA DO Ó

Nós, Assumpção, fomos nós que nos enganámos!

NAZARETH *(abraçando* ASSUMPÇÃO)

Conta-me o teu segredo. Dize que sim e não demores a tua bôa resposta. Não vês a anciedade com que elle a espera? Que mysterios são estes? Casa, que é a tua felicidade. Dá-me um dia de alegria. Olha para mim. Sou eu que t'o peço!

ASSUMPÇÃO

Pede...! Quer...! E assim m'o pede sem... *(Muito alegre)* Mas então não gosta d'elle! Mas então não quer casar com elle!... *(Abraça-a)* Oh! minha senhora...!

REBELLO *(espantado)*

Essa tola o que diz?... A Nazareth!

ASSUMPÇÃO *(estendendo a mão ao* BARROS)

Se quero!

BARROS

Ciumenta!

REBELLO

Mas então o meu filho?... Mas se ella é... *(Cahindo em si)* E' viuva!... Um pae é sempre pae... e ella é viuva!...

MARIA DO Ó *(afflicta)*

Senhor Rebello...!

NAZARETH

Meu pae!

REBELLO

Tu gostares d'outro...! Tu casares...!

ASSUMPÇÃO *(apoquentada)*

Foi a minha alegria...! Que doida eu fui!

REBELLO

Podias, sim, podias...! *(Dolorosamente)* Pódes!... E eu que nunca me lembrára...!

NAZARETH

Pesadêlos, ciumes!... E ella sacrificava-se por mim, pela minha amizade!... Foi um pesadêlo que ella teve; socegue, meu pae.

MARIA DO Ó *(para a* NAZARETH*)*

Era um sacrificiosinho...!

REBELLO

Era peor do que a morte!... Mas pódes, pódes que Deus permitte-o!

NAZARETH

Não lhe darei esse desgosto, descance. *(Para a* ASSUMPÇÃO*)* Obrigada, minha querida Assumpção. Vês! Fizeste-me chorar! *(Para o* REBELLO*)* Juro!

REBELLO *(alegre)*

Era lá possivel... Um outro depois d'aquelle... Era uma traição *(Abraça-a longamente)*

BARROS *(para a* ASSUMPÇÃO)

Perdôas-me, se ainda agora...?

ASSUMPÇÃO

Tive-lhe odio, depois... *(Sorrindo)* Foi talvez por isso. Amanhã, no campo, quando pisar os tremocilhos, as vagens a estoirarem hão de parecer-me girandolas de foguetes! Vou andar mais contente...

BARROS

Que uma pêga sem rabo!

MARIA DO Ó *(baixo, approximando-se da* ASSUMPÇAO

Mas, se este não era, então quem ...?

SCENA V

OS MESMOS, ALFERES *e* JOAO DA ALEGRIA

ALFERES *(á porta)*

Dão-nos licença a mim e ao meu filho?

REBELLO *(ainda abraçado á* NAZARETH)

Ai, Alferes, encontra-me profundamente commo-

vido! Mas não foi nada. Quatro palavras de minha filha souberam tornar-me a quietação. Foi-se a nuvem e a minh'alma vestiu-se de gala.

ALFERES

Outro tanto quizera poder dizer.

REBELLO *(reparando no* ALFERES*)*

E' verdade!... Parece-me pallido, transtornado...!

ALFERES

O João vem despedir-se.

NAZARETH *(suffocando um grito)*

Ah!

MARIA DO Ó *(baixo á* ASSUMPÇÃO*)*

Era este!

REBELLO

Despedir-se...! E porquê?

ALFERES

Porque deve toda a educação ao meu amigo velho, seu padrinho, o Dr. Annibal, porque me parece bem que lh'o pague educando-lhe agora os filhos.

REBELLO

Mas você, Alferes? Mas ainda ha poucas horas...

ALFERES

Veiu uma nova carta insistindo, falei com o João,

pensei melhor... Por mim deixal-o. Quando se é velho, passam os annos tão depressa...!

JOÃO DA ALEGRIA

Julga meu pae que se deve á amizade, á gratidão, sacrificar todo o amor. E' esta a sua opinião, senhor Rebello?

REBELLO

Talvez. Quem nos diz que o Alferes, por demais cioso, que outros amores não ha na terra como os de pae, demais não demorou o cumprimento d'um dever? *(Para o* ALFERES*)* Coteje com a minha a sua desventura e dê, meu velho, muitas graças a Deus. *(Para o* JOÃO DA ALEGRIA*)* Da excellencia da tua alma nos deste mais uma prova. Tambem vou ter muitas saudades tuas. Mas, bem considerando o caso, talvez entenda com teu pae que deves partir.

JOÃO DA ALEGRIA *(para a* NAZARETH*)*

E' esta a sua opinião, minha senhora?

NAZARETH

Ha bem pouco, respondia-lhe: — Não é.

JOÃO DA ALEGRIA

Vê, meu pae?

NAZARETH

Não posso falar por muito tempo...

REBELLO

Soffreu agora tamanho abalo...

NAZARETH

Escute. Essa rapariga que ahi está morria-se por esse homem. Veiu elle e perguntou-lhe se queria ser sua mulher. E, porque pensou que eu gostava d'elle, respondeu lhe que não. Tão pouco me devia, e não se lhe dava de morrer para não dar-me um desgosto.

REBELLO

Lindo exemplo! Deus premiou-lhe na terra a virtude!

JOÃO DA ALEGRIA

Julga portanto que devo partir.

NAZARETH

Deve.

JOÃO DA ALEGRIA

Mais não preciso. Estou ás suas ordens, meu pae.

ALFERES

São horas. Faze as tuas despedidas.

JOÃO DA ALEGRIA

Senhor Rebello...

REBELLO

Deus te abençôe! *(Muito commovido)* Dá-me um abraço... um beijo... *(Abraça-o longamente)*

ASSUMPÇÃO *(baixo ao* BARROS)

Logo havia de ser hoje... Mas depois ha de dizer-me muitas coisas, muito bonitas, que eu não perceba que é como eu gosto, que eu fique a nadar, mas a nadar lá muito em cima, ao pé das estrellas...!

REBELLO

Consolarei quanto puder teu pobre pae.

JOÃO DA ALEGRIA *(para a* NAZARETH)

Minha senhora...!

NAZARETH *(suffocada)*

João...! *(Abraça-se á* ASSUMPÇÃO*)*

(O ALFERES *encara de fito no* JOÃO DA ALEGRIA, *que vae para sahir rapidamente)*

MARIA DO Ó *(commovidissima)*

E eu? E então eu?

JOÃO DA ALEGRIA

Senhora Maria do Ó...! *(Abraça-a chorando)*

REBELLO

Coitadinhos!

ALFERES *(limpando os olhos)*

Com seiscentos milheiros de diabos! *(Para o* REBELLO*)* Oiça lá. Você tem pouco ouvido para as cantigas, a

senhora Maria do O ainda menos. Se quer, mande-me lá os rapazes ámanhã.

MARIA DO Ó *(ainda abraçada ao* JOÃO DA ALEGRIA*)*

Deus ha de premiar-te tambem!

JOÃO DA ALEGRIA

Na terra...?

ALFERES

Vamos, filho. *(Para o* REBELLO*)* Eu sei desde pequequenote aquella moda do mez de Maria. Adeus. Queiram desculpar qualquer má palavra... Vamos. *(Sae sustendo as lagrimas abraçado ao* JOÃO DA ALEGRIA*)*

SCENA VI

NAZARETH, MARIA DO Ó, ASSUMPÇÃO, REBELLO *e* BARROS

REBELLO

Bem diz o nosso Bernardes na sua Floresta: «Quem quizer saber quantos são ao todo os filhos de Adão, conte primeiro quantos são os afflictos e atribulados.»

BARROS

Nem sempre é certo, senhor Rebello.

REBELLO

Ah! Os noivos! Deus os abençôe.

(Ouvem-se as cantarinhas assobiando ao longe)

BARROS

Ouves o moinho? Já moe por nossa conta.

ASSUMPÇÃO

Que coisas bonitas dizem as cantarinhas! Venha. Vamos ouvil-as de mais perto.

SCENA VII

NAZARETH, MARIA DO Ó *e* REBELLO

REBELLO

Accenda o candieiro, senhora Maria do Ó. *(Á porta)* Os dois pombinhos. .! Nem nos disseram adeus! *(Fecha a porta)* Pobre Alferes...! Mas que excellente homem! Tão contente andava...! E agora, d'alma ennoitecida, lanhada de saudades! *(Para a* NAZARETH*)* Nadam-te os olhos em lagrimas! O casamento da tua amiga e logo a dôr d'um pae, como tudo ha de falar-te ao coração ternissimo!... Que santas gentes! Nem sei como a Deus mereço taes amigos!

MARIA DO Ó *(pondo o candieiro sobre a mesa)*

Bôas noites.

REBELLO

Feche a janella e arrange-nos a ceia. Hoje não tenho fome. E tu ?

NAZARETH

Sinto-me tão combalida !

(A MARIA DO Ó *arranja o outro candieiro, com que mais tarde sae para a cozinha)*

REBELLO

Trata da tua saude. Quando eu morrer...

NAZARETH

Quando morrer...!

REBELLO

Bem vês ; pela ordem natural das coisas hei de ir adiante. Consola-me a idéa de deixar alguem que reze por mim.

(Ouvem-se as esquilas d'um carro. O som approxima-se pouco a pouco)

MARIA DO Ó

Já sôam as esquilas.

REBELLO

Pobre Alferes ! Tenho saudades do João ; mas n'uma cidade com tantas distracções ha de esquecer-se. Tenho maior dó do pobre pae.

MARIA DO Ó

Coitadinhos! *(Deixa cahir no armario o candieiro)*

REBELLO

Que é isso? Parece mosca atordoada!... Que lhe deu, mulher?

MARIA DO Ó

Entornou-se o azeite...

NAZARETH

Dizem que é de máo agoiro...!

REBELLO

Tolices. Sabes? Tenho estado a cogitar... Não era o Manuel que me deixava assim, não! E ainda que me deixasse... a ti, desde que te viu pela primeira vez, a ti é que elle não deixaria nunca!... Como o prendeste com esses teus olhos!... hein? Quando um homem gosta d'uma mulher... *(Com muita ternura)* Nazareth, quando eu morrer, quem te ha de falar n'elle?... Quando eu morrer, has de ter saudades minhas.

(Passa o carro em frente da porta)

NAZARETH *(chorando, abraçada ao* REBELLO*)*

Deus lhe dê muita vida, meu pae!

REBELLO

Espero com olhos longos a madrugada d'esse alegre dia.

NAZARETH

O meu será muito alegre tambem, como outro já não espero!

REBELLO

Estás tão nervosa hoje...!

NAZARETH

Bem vê...! Aquelle moinho a uivar, que tristeza!

REBELLO *(para a* MARIA DO Ó)

E vocemecê, porque nos bota o olho assim de esconso? Nada tem comnosco. *(A* MARIA DO Ó *accende o outro candieiro e sae)* Filha, quiete-se agora teu coração e senta-te ao pé de mim. Escuta-me e vê se me percebes. Quando estiveres em soledade e silencio, finge d'alma a dentro que o tens ali comtigo, e muito á puridade, desabafa então com elle. Cuidado, filha, não te afadigues querendo formar a querida figura por modo violento, que então o espirito sem forças não póde alar-se, fugir da negra masmorra. O amor une a enormes distancias os corações. Verás como a ausencia perde assim muito do seu assombramento. Recolhe-te com elle, com elle tratarás de perto, e nas delicias do entresonho terás o ante gozo de celestiaes prazeres! Ouviste? Percebeste-me, filha? *(Tirando á* NAZARETH *o livro em que ella pegou machinalmente)* Não. Hoje não lemos. Hoje é para mim quasi um dia de festa!... Como t'o hei de pagar, Nazareth?

Aconcheguemos as nossas saudades e vamos pensar n'elle !

(Ainda se ouvem, muito ao longe, as esquilas do carro)

NAZARETH *(depois d'um longo silencio)*

N'elle...!

FIM

AOS
TRINTA DE SETEMRRO
DE MIL NOVECENTOS E DOZE
ACABOU-SE DE IMPRIMIR
ESTE LIVRO,
(SEGUNDA EDIÇÃO)
NA OFFICINA TYPOGRAPHICA
CALÇADA DO CABRA, 7
LISBOA

Bibliotheca Escolhida

Volumes publicados

I — *A Madrugada*, comedia em verso por Fernando Caldeira. Br. 800 réis, enc. 1$000 réis, em papel do Japão, 4$500 réis.

II — *Os Velhos*, por D. João da Camara. Br. 600 réis, enc. 800 réis, em papel do Japão, 4$000 réis.

III — *Mantilha de Renda*, fina comedia em verso por Fernando Caldeira. Br. 500 réis, enc. 700 réis.

IV — *O Livro de Cesario Verde*, versos. Br. 500 réis, enc. 700 réis.

V — *Peraltas e Sécias*, por Marcelino de Mesquita. Br. 500 réis, enc 700 réis.

VI — *O Duque de Vizeu*, drama historico, original em verso, por Lopes Mendonça, edição illustrada, segundo aguarelas de Roque Gameiro. Br. 800 réis, enc. 1$000 réis, em papel do Japão, 4$500 réis.

VII — *Casamento e Mortalha*, por D. João da Camara. Br. 200 réis, enc. 400 réis.

VIII — *Hamlet*, por Shakespeare. Versão de José Antonio de Freitas. Br. 1$000 réis, enc. 1$200 réis.

IX — *Envelhecer*, peça em quatro actos, por Marcelino de Mesquita. Br. 500 réis, enc. 700 réis.

X — *Triste Viuvinha*.

LABOR
VINCIT